

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

LEONARDO MENDES ALVES

**UMA JANELA PARA O MUNDO E UMA COMPANHIA PARA A VIDA:  
a vivência literária de mulheres durante a pandemia de covid-19**

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia

São Paulo

2022

LEONARDO MENDES ALVES

Uma janela para o mundo e uma companhia para a vida: a vivência literária de mulheres  
durante a pandemia de COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para obtenção do título  
de Bacharelado em Psicologia, sob a orientação  
da Profa. Dra. Cris Fernández Andrada.

São Paulo

2022

## AGRADECIMENTOS

Falar de literatura é falar de linguagem, palavra e sentido é, sobretudo, falar de afeto. Por isso esses agradecimentos se endereçam a todos aqueles que das formas mais diversas construíram pontes, abriram janelas, e pavimentaram o caminho que me levou até a literatura, e da literatura até essa pesquisa. Por isso agradeço:

À minha família. À minha mãe, porque manteve sempre aceso o seu fascínio pela educação, por ser a melhor professora que eu conheço, por ter recheado a minha infância de livros e de fantasia. Ao meu pai por todo carinho e incentivo que me deu, mesmo as vezes não entendendo o caminho que eu trilhei estava sempre disposto a me acompanhar. Ao João, por ter a maturidade que me falta, por ser tão igual e ao mesmo tempo tão diferente de mim, por todas as broncas mas especialmente pela sua fé em mim. À Alice, por ser minha âncora nesse mundo e me manter sempre como uma criança ao seu lado. Às minhas tias e avós, pelos vinhos, risadas e espaços de descanso que foram essenciais para que esse trabalho pudesse se concretizar. À Amanda, que na simplicidade de uma lousa de brinquedo me ensinou a ler, me deu um passaporte para o mundo sem fim da leitura e me acompanhou na viagem até aqui.

Às minhas professoras de literatura: Dona Rose, Bete e Cássia, por me mostrarem que nada se ensina sem afeto e vocês me ensinarem muito, encantaram meu mundo com sorrisos e palavras, me apresentaram à força e a complexidade da nossa língua, e me deram companhias pra vida toda, especialmente pros momentos mais duros.

À Cris Andrada, pela orientação cuidadosa e magistral que me ofereceu, me dando liberdade e contorno, apostando junto comigo na potência da literatura e dos afetos, e sobretudo da escuta. Por ter dado toda a energia que eu (e a pesquisa) precisamos ao longo desse um ano, enfim, por ter acreditado em mim mais do que eu mesmo.

À Prof. Beatriz Brambilla, que se tornou uma companheira nos andares da vida, um ponto seguro de acolhimento e de crítica, e que me apresentou uma das obras centrais deste trabalho.

À Prof. Edna Kahhale, que me acompanhou nos primeiros encontros com a pesquisa acadêmica e me apresentou à liberdade e à potência dessa produção, me fez acreditar que existe espaço para a criatividade mesmo nos moldes da academia.

À Rosana e Júlia que são o coração deste trabalho, por terem confiado seu tempo e suas memórias a mim.

Aos amigos, Rapha pelas transcrições e cuidados nos momentos de estresse, Chris, pelas intermináveis e por todo amor, à Lari pelo fascínio compartilhado por Clarice e por não me

deixar esquecer do que foge da linguagem, Jaque e Dessa pela segurança do nosso amor, e todos que acompanharam o processo lindo e dolorido que foi a produção desta pesquisa, vocês me sustentaram.

Por fim, aos escritores, especialmente os brasileiros, por continuarem ofertando espaços nesse mundo cada vez mais restrito.

E porque é só o que tenho, volto a escrever  
Como se diria, para restaurar o sentido, quem  
sabe [...] porque entre o tédio mudo e a palavra  
inútil, prefiro a segunda (ABREU, 2012, p.  
137.)

## RESUMO

7.00.00.00-0 – CIÊNCIAS HUMANAS

7.07.00.00-1 – Psicologia

Alves, Leonardo Mendes. Uma janela para o mundo e uma companhia para a vida: a vivência literária de mulheres na pandemia de COVID-19.

O presente trabalho configura-se como uma pesquisa qualitativa, que busca se inserir no campo de debates das relações entre psicologia e literatura, questionando o papel da primeira diante de situações sociais críticas. A pandemia de covid-19 marcada pelo isolamento social e a restrição de circulação como estratégias de enfrentamento se insere num cenário de crise permanente diante do qual a pandemia atua como um fato agravante do sofrimento para um série de grupos historicamente oprimidos, dentre eles, mulheres. Nesse cenário, surge a necessidade da elaboração de estratégias em favor de modos de viver a vida numa realidade restrita e violenta. O aumento no consumo de livros durante a pandemia de covid-19 indicou que a leitura e a vivência literária poderiam representar as formas de enfrentamento. Com isso, este trabalho tem como objetivo compreender os sentidos construídos por mulheres sobre a vivência literária em tempos de pandemia. Para tanto realizamos entrevistas semiestruturadas prolongadas com duas mulheres que estiveram isoladas durante a pandemia de covid-19 e que afirmaram em ocasiões diversas que mantiveram contato frequente e significativo com obras literárias nesse período. A análise dessas entrevistas foi inspirada na metodologia dos núcleos de significação, que, por sua vez, apoia-se no marco teórico da pesquisa - a Psicologia Sócio-Histórica. Compreendemos que para essas mulheres a literatura foi significada como uma janela para o mundo, uma possibilidade de ampliação, de expressão, de movimentação mas também de retorno, de conforto, de segurança e companhia, atuando assim como uma potente estratégia de resistência e enfrentamento.

**Palavras-chave:** literatura; pandemia; gênero; vivência literária.

## SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO .....	8
2.	INTRODUÇÃO .....	12
3.	CRISE, PANDEMIA E GÊNERO .....	15
3.1	Pandemia como crise .....	15
3.2	A crise pandêmica sob uma perspectiva de gênero .....	18
4.	ARTE, LITERATURA E RESISTÊNCIA.....	23
4.1	Arte na pandemia .....	23
4.2	Função social da arte .....	27
4.3	Literatura, crise e resistência.....	30
5.	MÉTODO .....	33
6.	OS SENTIDOS DA VIVÊNCIA LITERÁRIA DE MULHERES NA PANDEMIA .....	36
6.1	Rosana: a literatura como <i>uma janela para o mundo</i> .....	36
6.2	Júlia: a literatura como contato e companhia.....	40
7.	ALGUMAS COSTURAS .....	45
7.1	Espaços e transformações .....	45
7.2	Tempo .....	47
7.3	Trocas.....	48
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	50
9.	REFERÊNCIAS.....	52
10.	ANEXOS.....	55
	Anexo A – Roteiro de entrevistas .....	55
	Anexo B - Entrevistas .....	56

## 1. APRESENTAÇÃO

A ideia dessa pesquisa nasce de um extenso emaranhado de vivências pessoais e coletivas as quais espero trabalhar na tentativa de criar uma “colcha de fuxicos”; nos moldes apresentados por Lavínia Magiolino<sup>1</sup> referindo-se à técnica artesanal da transformação de restos de tecidos em adereços para customização e criação de peças únicas; dentro desse emaranhado de vivências vão se destacando aquelas que me levaram ao encontro da literatura, que evidenciam o papel desta como uma âncora em minha vida, as minhas tentativas de compreender as dimensões desse encontro-vivência, chegando até o delineamento que aqui apresentamos de compreender os sentidos da vivência literária construídos por mulheres durante a pandemia de covid-19.

Esse trabalho só foi possível porque um dia uma mulher me alfabetizou, não foi uma mulher por pura acaso do destino. Essa mulher era minha prima, que era mais velha apenas alguns anos que eu mas já exercia comigo uma função de cuidado e atenção, ela era como uma irmã mais velha e no seio dessa família me inseriu no mundo da linguagem escrita, me lembro ainda da sua atenção e calma às minhas leituras de uma coleção de contos de fadas que eu possuía. Também meu acesso a materiais de leitura foi marcado por uma mulher, minha mãe, que guardou durante anos o sonho da pedagogia e na minha infância correu atrás de tornar isso concreto, nesse processo ela foi construindo o meu mundo infantil cercado por livros e cadernos. Essa agradecimento cabe às mulheres que fizeram minha vida (muitas vezes às custas das suas próprias) e é com certa dor que eu olho pra tudo isso de novo entendo que muitos desses momentos foram atravessados por dispositivos de gênero, que muitas vezes elas estavam reproduzindo comigo o único caminho de afeto que lhes fora dado, um afeto para o outro. Muitas vezes eu vi essas mesmas mulheres negando a si mesmas, perdidas diante da necessidade de voltarem os seus afetos para dentro. O cuidado aos filhos, netos, primos ou alunos era a única via de sentido e significação em suas vidas por muito tempo. Hoje escrevendo e pensando sobre isso espero com uma fé quase religiosa que isso que escrevo possa ao menos valorizar o que elas me deram e talvez, quem sabe, apontar para elas e outras mulheres outras possibilidades de serem a si mesmas.

---

<sup>1</sup> MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski. Departamento de Psicologia, UNICAMP, 2010.

Porque tais falas apareciam sempre que eu estava com um livro na mão, quase como um estatuto do saber, ter um livro em mãos era visto como sinônimo de inteligência e essa logo associada à minha “*mãe professora*”. Pela repetição das falas me pus a refletir sobre esses elementos e passei a reconhecer que, embora minha mãe não tivesse tempo de me ensinar português, história ou biologia os espaços que compartilhávamos foram me permitindo esse contato, ou melhor, encontro, com a literatura desde o pequeno espaço da nossa primeira casa com a coleção de contos de fadas até as várias noites que ficava perdido nos corredores da biblioteca da sua faculdade enquanto ela assistia às aulas, foi preciso então pra mim reconhecer que de certa forma os comentários estavam certos, ainda que não diretamente, o fato de minha mãe ser professora tinha me posto numa posição de privilégio da qual o resultado foi o intenso contato com os livros.

Desse primeiro sobrevoo sobre os contatos iniciais chegamos à J.K. Rowling, Rick Riordan, John Green e mais tarde Santa Faustina, Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu ou Manuel Bandeira. Gosto de pensar que a silhueta desse garoto já estava marcada/desenhada com o livro em suas mãos como uma extensão de sua própria figura, por que a identidade dele já havia se apegado à de leitor, embora ainda pouco refletisse sobre o que isso significava. É nessa época que os livros, personagens, autores, histórias se condensam numa ideia mais ampla: a literatura. Da amizade com o bibliotecário da escola construída nas visitas quase diárias para emprestar, renovar ou devolver algum exemplar de *Percy Jackson e os Olimpianos* até o choro de despedida de sua professora de Língua Portuguesa e Literatura no terceiro ano. Das amizades fortalecidas pela leitura e imaginação de *fanfics* até os primeiros rabiscos no caderno que mais tarde seria roubado numa festa e a crônica escrita depois do primeiro encontro com um menino ... em todos esses cenários essa ideia, a Literatura, figurando constante, ora no centro, ora de fundo, mas sempre ali, como parte da silhueta do menino, não mais só no livro, agora na caneta, caderno, computador, celular ... nas conversas, pensamentos, olhares, nas emoções ...

O próximo capítulo dessa história é onde começam a ser esboçados os primeiros rabiscos dessa pesquisa, mas antes de chegarmos lá vale contar uma breve curiosidade, eu cursei um mês em Letras enquanto esperava os resultados do PROUNI para Psicologia, e lembro que durante o primeiro ano da graduação toda vez que alguém perguntava sobre esse período eu afirmava convencido, ainda vou “*voltar pra lá e terminar o curso quando acabar psico*”, os anos passados com certeza mudaram esse desejo de mais uma graduação, mas as questões e interesses permaneceram guardados com cuidado no coração, esperando o momento em que

esses dois campos (a literatura e a psicologia) poderiam conversar na minha trajetória, pensando sobre isso o TCC começou a despontar como o lugar propício para exercitar esse diálogo, dessa percepção até aqui alguns passos, conversas, demarcações que merecem ser evidenciados.

A primeira questão que levei para esse diálogo foi bem ampla, o que a psicologia, mais especificamente, a psicologia social tinha a dizer sobre a literatura? Desse questionamento fui brincando com palavras chaves nas bases de dados até chegar à tese de *Rita Kileber Barbosa* apresentada como doutoramento em psicologia social. Havia algo de libertador naquela descoberta semelhante à descoberta da escrita fluída e profunda de *Água viva*, ambas de certa forma me ofereceram uma liberdade, a tese de Rita me mostrou que não era loucura tentar seguir aquele caminho e que existiam tijolos para pavimentá-lo, além do diálogo entre psicologia social e literatura, a autora também propunha não só analisar, mas evidenciar a experiência do contato com a literatura, ela queria falar sobre a transformação ocasionada pela leitura da escrita clariceana, transformação essa que eu havia sentindo também.

Outro ponto marcante. A indicação de “*A arte de ler*” de Michèle Petit, feita pela professora Beatriz Brambilla numa aula sobre psicologia decolonial. A ideia de uma antropóloga apresentando sua experiência com grupos de mediação de leitura em situações sociais críticas nas quais ficava evidente o papel da literatura como resistência subjetiva, individual, coletiva energizou o desejo de construir esse diálogo, com a leitura feita tive certeza que minha grande meta na vida era produzir experiência como aquelas descritas no livro.

Nesse meio tempo, cresceu paralelamente, meu interesse pela psicologia social. Foi construindo uma pesquisa de iniciação científica que fui me aprofundando na psicologia sócio-histórica, lendo seus fundamentos e debates atuais, cheguei à obra *Psicologia da Arte* de Vygotsky e a máxima que coloca “a arte como a técnica social dos sentimentos” (2001, p. 315). Embora a discussão sobre a arte (e a literatura) seja o foco da obra e mereça uma análise mais detalhada nesta pesquisa foi a concepção das emoções que começa ser apresentada nesse livro e vai se consolidando ao longo da obra de Vygotsky que se tornou um fato incontornável para mim, assim como a consciência, as emoções e sentimentos são também social e historicamente construídos, como numa “colcha de fuxicos”. Cada sentimento como uma vivência profundamente complexa na qual estão presentes os elementos singulares de cada pessoa, mas também sua dimensão particular que a posiciona no mundo desnaturalizando, assim, as emoções.

Caminhando alguns passos fui colhendo alguns retalhos que pretendo trabalhar agora, de modo artesanal, singular, cuidadoso, alguns deles servindo como inspiração metodológica, motivação prática ou base teórica, mas ainda falta a linha para unir todas essas questões, o fio que conduzirá a pesquisa, isto é, as significações de mulheres sobre a vivência literária durante a pandemia de covid-19. E por que esse fio? Há a sustentação dos fatos/dados que serão descritos na introdução, aqui a resposta que cabe é uma fala de uma tia minha: “*meu kindle é minha janela para o mundo*”. Mas nessa resposta cabe também a minha: quero reconhecer o trabalho cuidadoso e árduo que foi pavimentando minha estrada no encontro com a literatura, e essa estrada foi construída quase que exclusivamente por mulheres. Minha prima me ensinando a ler, minha mãe me dando os primeiros livros e me levando junto com suas amigas pra biblioteca da sua faculdade, as professoras de português e literatura (que por acaso ou não foram com as quais eu me dei melhor), Clarice, o caminho que me trouxe até aqui foi trilhado e pavimentado pelas mulheres que encontrei ...

Essa escrita tem a particularidade de ser uma escrita em trânsito, em movimento, na tentativa de compor um relato/reflexão de um momento profundamente perturbador na realidade.

## 2. INTRODUÇÃO

Em março de 2021, um ano após o início da pandemia de covid-19 diversas notícias demonstraram o crescimento considerável na venda de livros e nos hábitos de leitura durante o período pandêmico. Em manchetes como “[...] março tem um milhão de livros vendidos a mais que mesmo período de 2020”<sup>2</sup>; “Vendas de livros sobem quase 20% em um ano”<sup>3</sup>; “a procura por livros de fantasia disparou durante a pandemia”<sup>4</sup>; “clubes de leitura conquistam adeptos”<sup>5</sup> vemos um cenário que evidencia o papel fundamental que a literatura exerceu como companheira no enfrentamento das angústias da pandemia. As explicações para esse fenômeno presentes nas matérias variam entre a ideia de válvula de escape, colocando a experiência da leitura como fuga da realidade; o aumento no tempo disponível devido a diminuição do deslocamento por causa do trabalho remoto ou ainda, o hábito de leitura em livros físicos como descanso das telas que passaram a concentrar grande parte da vida durante a pandemia.

No entanto, o contato com a literatura durante a pandemia parece ter um potencial de enfrentamento importante de ser elaborado e essa experiência exerceu um papel mais profundo na vida de algumas de algumas pessoas, como nos diz a atriz e escritora Maria Flor que numa entrevista<sup>6</sup> afirmou que “a literatura me salvou na pandemia”, ou Rosana, uma das depoentes dessa pesquisa, para quem os livros foram janelas para o mundo durante esse período, afirmações como essas não são exclusivas e apareceram ainda em outros espaços de entretenimento e reflexão (MEDEIROS, et al., 2020; MENEZES, et al, 2020).

Mesmo tomando a noção da válvula de escape da realidade como explicação para o aumento no consumo de livros durante a pandemia sabemos que essa realidade da qual se busca fugir não é a mesma para todos os sujeitos sociais. Pensamos assim em diferentes molduras no

---

<sup>2</sup> **G1**, Pop & Arte. 20 de abril de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/04/20/apos-um-ano-de-pandemia-marco-tem-um-milhao-de-livros-vendidos-a-mais-que-mesmo-periodo-de-2020.ghtml> Acesso em: 4 de novembro de 2021.

<sup>3</sup> MACEDO, Bruna. Vendas de livros sobem quase 20% em um ano. **CNN Brasil**. 27 de março de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/vendas-de-livros-sobem-quase-20-em-um-ano/> Acesso em: 4 de novembro 2021.

<sup>4</sup> TORRES, Bolivar. A procura por livros de fantasia disparou durante a pandemia. **O GLOBO**, Cultura. 03 de abril de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/por-que-procura-por-livros-de-fantasia-disparou-durante-pandemia-24953754>. Acesso em: 4 de novembro em 2021.

<sup>5</sup> RIBEIRO, Raquel. Encontros de conhecimento: clubes de leitura conquistam adeptos. **Correio Brasiliense**, 31 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/revista-do-correio/2021/10/4958635-encontros-de-conhecimento.html>. Acesso em: 4 de novembro de 2021.

<sup>6</sup> **UOL**. Splash, Maria Flor: A literatura me salvou na pandemia. 7 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/pagina-cinco/2021/05/07/maria-flor-a-literatura-me-salvou-na-pandemia.htm>. Acesso em: 4 de novembro de 2021.

cenário de contato com a literatura a depender dos marcadores que constituíam a experiência da pessoa em questão. Tomaremos neste trabalho a noção de gênero como um marcador fundamental na experiência dos sujeitos com a realidade e suas formas de enfrentamento, em especial, a experiência de mulheres diante de uma sociedade capitalista colonial centrada no patriarcado como a sociedade brasileira, com representações historicamente associadas à noção de cuidado e ao trabalho reprodutivo e as implicações dessas condições históricas, sociais e econômicas nas vivências da pandemia (CASTRO; CHAGURI, 2020; MOREIRA et al., 2020).

Diante desses cenários e molduras nos perguntamos quais são os sentidos produzidos por mulheres sobre a literatura durante o período de pandemia do covid-19? Buscamos assim compreender quais papéis a literatura exerceu na vida dessas mulheres nesse momento de crise pandêmica contribuindo com campo das relações entre psicologia e literatura, especialmente como forma de resistência nas situações críticas; tendo em vista a compreensão da vivência literária como possível categoria de análise diferente da análise literária exercida usualmente pela ciência psicológica (LEITE, 2002; SANTOS; SANTOS; SILVA, 2018).

Para isso recorreremos às obras de autores da psicologia, da sociologia e da crítica literária na tentativa de compor com elas uma reflexão sobre a função e o lugar da literatura (e da arte) nos processos coletivos e na vivência singular, dando base à escuta do sentido construído por essas mulheres, entre essas obras estão: “A arte de ler: ou como resistir à adversidade” de Michèle Petit (2010); “Psicologia da Arte” de Lev Vygotsky (1999); “Literatura e Resistência” de Alfredo Bosi (2002) e “O Direito à literatura” de Antônio Candido (2011). Também compõem a rede dessas reflexões pesquisas e relatos produzidos durante a pandemia que questionam o papel da arte nesse contexto (MEDEIROS, et al., 2020; MENEZES, et al, 2020; PIVA; MARTINS, 2020; BONFIM; SANTO; BARBOSA, 2021).

A pandemia trouxe diversos desafios para a sociedade e que exigiram respostas diversas para o Estado, as políticas públicas e o campo científico. O número considerável de publicações em psicologia e saúde coletiva – levando em conta o período relativamente curto - demonstra a necessidade de produção de respostas efetivas ao momento que vivemos. Entendendo também que estas produções servem como registros históricos, ressaltamos que a produção dessa pesquisa sobre os sentidos produzidos durante a pandemia é condizente com uma exigência social urgente que é compreender o impacto desse momento mundial na subjetividade, o enfoque na vivência das mulheres poderá contribuir para o acúmulo de dados de que mesmo essa situação global tem seus impactos determinados por particularidades sociais e tendo sido

produzida durante a pandemia pode se inserir como registro histórico para futuras análises que se voltem para esse momento. Recorremos então à noção de crise para sustentar um processo de reflexão e construção de saberes que partem da pandemia mas não se restringem a ela. Nesse sentido nos preocupamos em compreender qual o sentido da literatura em situações de crise, tendo a pandemia como uma dessas situações, que possui suas especificidades mas que também apresenta semelhanças com outros processos de crise. Esse recurso à noção de crise nos permite dialogar da maneira mais próxima com reflexões anteriores à pandemia, assim como estender os alcances futuros que essa pesquisa possa trazer.

Nesse sentido propomos o seguinte trabalho como uma pesquisa de cunho qualitativo, a partir da análise de entrevistas semiestruturadas realizadas com duas mulheres que estiveram isoladas durante a pandemia de covid-19 que afirmaram em ocasiões diversas que mantiveram contato frequente e significativo com obra literária nesse período. A análise dessas entrevistas foi inspirada na metodologia dos núcleos de significação propostos por Aguiar e Ozella (2006) e na análise qualitativa proposta por Minayo (2012).

A escuta dessas narrativas nos permitiu compreender que os sentidos construídos sobre a literatura durante a pandemia não surgiram como dum vácuo, não brotaram do vazio diante dessa experiência, esses sentidos se inserem numa rede complexa que remonta aos primeiros contatos com a literatura na vida das entrevistadas a aos sentidos e afetos compartilhados na e através da vivência literária, entraram nessa rede personagens, autores, amigas, professoras e até os meios e momentos por onde leram nesses períodos, entram nessa rede também os sentimentos suscitados pela crise pandêmica, a perda de horizontes, a fragilização dos vínculos, a impossibilidade de circulação ... nessa rede complexa a literatura foi significada como *uma janela para o mundo*, uma possibilidade de ampliação, de expressão, de movimentação mas também de retorno, de conforto, de segurança e companhia.

Por fim adicionamos nós nessa rede, pontos nessa colcha de fuxicos, a partir das discussões levantadas nos capítulos anteriores, compondo e refinando as reflexões, evidenciando as contradições, buscando nesse registro a potência que a literatura pode ofertar diante das situações de crise.

### 3. CRISE, PANDEMIA E GÊNERO

Buscamos esboçar neste capítulo uma breve contextualização do que foi a pandemia de covid-19 no mundo e no Brasil apontando em direção à leitura desse momento a partir da noção de crise e essa crise vista sob a perspectiva das relações de gênero, compondo assim o cenário do qual essa pesquisa surge e no qual aconteceram as vivências que aqui serão apresentadas e elaboradas.

#### 3.1 Pandemia como crise

Vivemos desde março de 2020 até o momento final de escrita dessa pesquisa (junho de 2022) a maior emergência sanitária do século, uma pandemia causada pelo vírus Sars Cov-19, assim declarou a Organização Mundial da Saúde em março de 2020 após ter identificado casos da doença em todos os continentes e uma taxa de contaminação alarmante (BRASIL, 2020). O Brasil nesse momento já tinha identificado cerca de 5.000 casos em território nacional, com transmissão interna sustentada e mortes causadas pela doença, desde então, quase dois anos depois da declaração da OMS temos acompanhado de perto a negligência e irresponsabilidade do governo federal nas ações de suporte e assistência aos doentes e diminuição de contágio. Negação do distanciamento e isolamento social, promoção de medicamentos sem eficácia comprovada (e com sérios riscos colaterais) e atrasos intencionais nas negociações sobre as vacinas além das declarações desumanas diante do crescimento absurdo dos óbitos decorrentes de covid-19 em território nacional demonstram uma estratégia macabra de consequência aterrorizantes, cerca de 120 mil vidas poderiam ter sido salvas se as indicações de especialistas tivessem sido ouvidas e implementadas de maneira contundente pelo governo federal (ROCHA; BRAMBILLA; BARROS, 2020). Atualmente o Brasil tem no total mais de 650 mil mortes ocasionadas pela doença e mais de 30 milhões de casos confirmados, no entanto, com o avanço da cobertura vacinal em território nacional as medidas de restrição foram revogadas e o uso de máscaras foi desobrigado mesmo com oposição de especialistas, que ainda recomendam o uso de máscaras e o higienização constante das mãos como medidas de biossegurança.<sup>7</sup>

A crise pandêmica é muito mais que uma crise sanitária mas nem por isso deixa de ter condições específicas, a imprevisibilidade e a urgência, a “invisibilidade” do vírus, a iminência da morte, os lutos coletivos e pessoais, os efeitos das medidas de restrição e isolamento tomadas

---

<sup>7</sup> Esses números datam de Junho de 2022. Para informações atualizadas recomendamos o Observatório Covid-19 da Fundação Oswaldo Cruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>

como estratégias de diminuição da propagação do vírus. A pandemia não se resume a um patógeno, às taxas de contaminação ou mesmo aos sintomas causados pela doença, viver uma pandemia implica um complexo de fenômenos e processos mutuamente determinados (ABRASCO, 2020).

Dentre as especificidades do período pandêmico ressaltamos aqui as questões relacionadas ao campo da saúde mental, entidades de saúde nacionais e internacionais logo no início da pandemia enfatizaram o cuidado aos efeitos psicossociais com grande sofrimento que esse momento geraria (FIOCRUZ, 2020; OMS, 2020). Lembremos que as medidas de restrição de contato ganharam centralidade como estratégias de enfrentamento à pandemia, essas medidas se mostraram muito potencializadoras das condições de sofrimento psíquico. Dentre as principais manifestações desse temos relatos de angústia, insônia, ansiedade, medo e depressão vivenciadas durante o período de isolamento (SCHMIDT et al., 2020; ROCHA et al., 2021; PAVANI et al., 2021). Mas é necessário apontar desde já que entendemos a estratégia de isolamento social como uma política de sobrevivência, se configurou como a principal estratégia de cuidado em relação à contaminação mas que não pode ser lida como um fator universal para todos. Nem todos os brasileiros puderam exercer essa estratégia<sup>8</sup>, os profissionais dos serviços essenciais, pessoas em situações de rua, em moradias insalubres, trabalhadores informais e diversas outras situações impossibilitaram que os índices de isolamento no Brasil chegassem a números significativos (ROCHA; BRAMBILLA; BARROS; 2020).

Uma ideia que se aproxima mais da totalidade da experiência dos brasileiros é a de uma circulação restrita, pois mesmo aqueles que não puderam praticar o isolamento total viram diversas áreas da vida social interditas. Serviços públicos, escolas, centros de cultura, bares e restaurantes, cinemas, todos esses espaços que muitas vezes compõem o campo de circulação dos afetos estavam fechados pelas normas de segurança sanitária.

Essa experiência de restrição imposta pela pandemia se aproxima profundamente da noção de crise apresentada por Michèle Petit (2010), para a socióloga:

as crises nos confinam em um tempo imediato – sem projeto, sem futuro – um espaço sem linha de fuga. Despertam feridas antigas, reativam o medo do

---

<sup>8</sup> Temos ainda um número considerável de pessoas que minimizaram o impacto da pandemia aderindo à uma onda de negacionismo que assola o país e fomentada pelo Governo Federal, que se recusaram, mesmo em condições para isso, a praticar o isolamento social.

abandono, abalam o sentimento de continuidade de si. Provocam, às vezes, uma perda total de sentido (PETIT, 2010, p.21).

E para piorar a pandemia, enquanto uma crise (sanitária) chega no Brasil no meio de um emaranhado de outras crises: política, econômica, social, ambiental e ética (ABRASCO, 2020). Esse cenário nos lembra a ideia de crise permanente como descrita por Boaventura Sousa Santos (2020) em seu livro “A cruel pedagogia do vírus”, para Santos (2020) a pandemia se constitui como “*uma exceção dentro da exceção*”, na verdade a crise como exceção tem se feito normalidade há mais de quatro décadas desde a imposição do neoliberalismo como ideologia e dinâmica social vigente.

Contudo o próprio autor aponta a contradição contida na ideia de crise permanente já que “a crise é, por natureza, excepcional e passageira, e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas” (SANTOS, 2020, p. 5) e aponta ainda que quando a crise se constitui como um momento excepcional e passageiro ela pode ser explicada por fatores e causas que lhe são externas mas a crise permanente que se instaura sob o neoliberalismo transforma-se em “causa” de tudo, isto é, a crise na saúde é causada pela crise econômica que por sua vez é explicada pela crise política ... Santos é categórico: “O objetivo da crise permanente é não ser resolvida”, é se constituir como um labirinto exaustivo de causas e efeitos que nos ocupe a ponto de impedir que possamos pensar em outras alternativas e ao mesmo tempo que sustenta as profundas desigualdades.

Comentando o lugar dos intelectuais nessas situações excepcionais Santos (2020) os convoca a uma produção de conhecimento de retaguarda, isto é, que leve em conta os desejos e necessidades da população, a realidade concreta na qual é produzida, uma realidade que é sempre contraditória e complexa a ponto de afirmar que “teorizar ou escrever sobre ela [a pandemia, a crise] é pôr as nossas categorias e a nossa linguagem à beira do abismo” (SANTOS, 2020, p.13) – ou seja, a imagem resgata a noção de imprevisibilidade inerente à realidade e que se evidencia fortemente nos momentos de crise. Por isso sustenta o convite a uma intelectualidade de retaguarda. É na imprevisibilidade das crises que Santos (2020) aponta a sua possibilidade de superação, não como um movimento natural da história que virá de qualquer modo, mas uma possibilidade que depende de condições históricas e políticas para se concretizar, por isso o autor se questiona:

Haverá vontade de pensar em alternativas quando a alternativa que se busca é a normalidade que se tinha antes da quarentena? Pensar-se-á que esta

normalidade foi a que conduziu à pandemia e conduzirá a outras no futuro?  
(SANTOS, 2020, p. 30)

A possibilidade de reflexão, de questionamento e de mudança existe. Mas é preciso também o cuidado para não cair no terreno escorregadio da lógica judaico-cristã colonial na qual o sofrimento tem como finalidade a evolução como muito bem denunciou Ailton Krenak:

Se o vírus fosse pior que o humano, a gente teria desaparecido. A epidemia não vem para ensinar, mas para matar. Não sei de onde vem essa mentalidade branca de que o sofrimento ensina alguma coisa.” (KRENAK, 2021).

### **3.2 A crise pandêmica sob uma perspectiva de gênero**

Santos (2020) analisa a quarentena desde o Sul<sup>9</sup> e enxerga nesse campo geopolítico-simbólico a exacerbação cruel das crises impostas pelo neoliberalismo, com a constante subordinação do Estado à lógica do mercado, o desmonte de políticas públicas e a extinção de direitos sociais, nesse cenário o que o vírus e a pandemia fizeram foi agravar e escancarar as falhas e as fissuras das estruturas sociais fundadas na lógica neoliberal, no capitalismo, no colonialismo e no patriarcado

No Brasil essa realidade ganha contornos ainda mais expressivos se levarmos em conta que a primeira morte registrada por covid-19 em território nacional foi de uma mulher negra empregada doméstica que contraiu o vírus da patroa depois que esta voltou de uma viagem à Europa (MELO, 2020). A intersecção das categorias de classe, gênero e raça determinou as condições de contágio e os cuidados que Cleonice não teve acesso. A noção de grupos de risco também foi fortemente reforçada por parte da mídia indicando idade e presença de comorbidades como fatores que aumentam a possibilidade de óbito, mas o que a história de Cleonice evidencia é que as condições que determinam os processos de saúde-doença na pandemia estão além das condições biológicas que os corpos apresentam na interação com o vírus.

---

<sup>9</sup> “Na minha concepção, o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista, pela discriminação racial e pela discriminação sexual” (SANTOS, 2020, p. 15).

No contexto de crise permanente é preciso pensar naqueles corpos “que padecem de uma especial vulnerabilidade que precede a quarentena e se agrava com ela.” (SANTOS, 2020, p.15). Nesse sentido as psicólogas Rocha, Brambilla e Barros (2020) afirmam:

[...] as condições de saúde de pessoas que se encontram em condições desiguais por classe, raça, gênero, deficiência, idade, entre outros, são efetivamente piores. Essas pessoas estão mais suscetíveis ao agravamento de seu sofrimento do que pessoas outras, que estejam em melhores condições sociais, políticas e econômicas (ROCHA; BRAMBILLA; BARROS, 2020, p. 664).

Ou seja, as desigualdades e opressões às quais esses corpos estão submetidos os afetam muito além das taxas de transmissibilidade do vírus, impactam todos os níveis da vida produzindo formas de sofrimento e de enfrentamento específicas.

Os determinantes que compõem a trama de opressões e vulnerabilidades são diversos, buscamos construir esse trabalho numa perspectiva crítica que seja capaz de evidenciar e desnaturalizar os sofrimentos e violências vividos por mulheres e determinados pela opressão de uma estrutura patriarcal. É fundamental a compreensão de que gênero não é um recorte, mas uma categoria estruturante das nossas relações sociais e que portanto é impossível falar sobre qualquer fenômeno social sem pensar numa perspectiva de gênero (SCOTT, 1995). Quando pensamos nas condições de mulheres em relação à pandemia, isso se evidencia na associação entre o feminino e o cuidado, com a maioria feminina como profissionais de saúde, na discussão sobre o trabalho doméstico como serviço essencial e no aumento da violência de gênero (SANTOS, 2020; ABRASCO, 2020; CASTRO; CHAGURI, 2020; MOREIRA et al. 2020).

O “Plano Nacional de enfrentamento à pandemia de covid-19” elaborado pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) junto à diversas outras organizações de saúde apresentam alguns dados relacionados aos impactos da pandemia na vida e na saúde de mulheres:

No Brasil, as mulheres representam a maioria da população e chefiam parte expressiva das famílias. Segundo o IBGE, em 2018, **45% dos lares eram sustentados pelas mulheres** que, num espectro mais reduzido de ocupações em empregos precários e informais, inclusive o emprego doméstico, historicamente ganham menos que os homens. São elas as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e o cuidado da família.

Tais circunstâncias resultam em grandes dificuldades para realização de teletrabalho ou mesmo para o engajamento em atividades essenciais, como o

**trabalho em saúde, no qual elas representam 70% da força de trabalho.**

Maioria dos profissionais de saúde e principais responsáveis pelo cuidado domiciliar de pessoas infectadas, as mulheres estão mais expostas a adoecer por COVID-19.

Também motivo de preocupação tem sido a redução da oferta adequada de serviços de saúde sexual e reprodutiva, incluindo a assistência ao aborto e a atenção pré-natal, ao parto e ao puerpério, o que pode acarretar o aumento de infecções sexualmente transmissíveis, de gravidezes não-pretendidas ou do recurso a abortos inseguros, bem como do incremento de mortes maternas e infantis (ABRASCO, 2020, p.44, grifos nossos).

Para além dos impactos diretos que a exposição a esses fatores pode gerar em corpos vulnerabilizados as formas de vivência da pandemia, seus impactos, o distanciamento, o isolamento, a sobrecarga, o trabalho, os lutos, tudo é atravessado pela opressão de gênero. Mas é preciso ter alguns cuidados na leitura desses impactos, entre eles as sociólogas Barbara Castro e Mariana Chaguri (2020) destacam o perigo de uma postura individualizante e biologizante que recoloca à mulher no papel de mãe e cuidadora ao apontar como único efeito de sofrimento durante a pandemia a sobreposição dos espaços da casa e do trabalho e os sofrimentos que se evidenciam nesta condição. As autoras chamam a atenção à redução das análises da condição da mulher na pandemia à maternidade, o que exclui do processos mulheres que não exercem a maternagem, ou ainda, apaga mulheres que exercem outras maternagem como por exemplo as empregadas domésticas e nisso apagam as intersecções de classe e gênero que a realidade evoca. Na tentativa de construir um caminho crítico que dê conta dessas complexidades as autoras recorrem à tradição da sociologia feminista francesa e regatam as noções de divisão sexual do trabalho, tempo social e carga mental como categorias essenciais para a compreensão dessa realidade.

Indo a caminho de algo mais específico as sociólogas apresentam a realidade de mulheres acadêmicas e apontam a dificuldade da realização do trabalho de produção de conhecimento em conjunto à dinâmicas de cuidados do espaço familiar, contam esse exemplo não só para falar sobre a dificuldade decorrente da sobreposição das responsabilidades da casa e do trabalho e sim como essa perspectiva que une o papel da mulher na sociedade às esferas do cuidado é transplantado para todas as áreas da vida. Nesse sentido, dizem que mesmo no ambiente acadêmico as profissionais são exigidas direta ou indiretamente a ocuparem esse espaço de cuidado, de acolhimento e de escuta, isso porque associam o trabalho reprodutivo executado por mulheres ao carinho, e a não remuneração dessa categoria de trabalho sustenta e é sustentada por uma noção de que o cuidado e a maternagem são frutos de um instinto materno inerente a mulheres cis. Esse papel fica ainda mais exigente nas condições da pandemia pela

sua conformação como geradora de sofrimento, as mulheres são de novo evocadas para as cenas domésticas ou trabalhistas com a exigência de disponibilidade de escuta, como um espaço de elaboração das dores causadas pela pandemia e pelo distanciamento (CASTRO; CHAGURI, 2020).

Na tentativa de construir uma categoria analítica capaz abordar as sutilezas dessa forma de opressão na realidade pandêmica Lisandra Moreira e colaboradoras (2020) recorrem às figuras da casa e da guerra como dispositivos analíticos fundamentais para compreensão da maneira como a pandemia foi sendo debatida no mundo e no Brasil.

A metáfora da guerra foi constante durante a elaboração e o debate de estratégias de cuidado na pandemia. A noção de *combate* foi amplamente difundida em praticamente todos os discursos oficiais e midiáticos, a imagem do vírus como inimigo foi apresentada e reforçada pelo Presidente Jair Bolsonaro e a própria referência à uma guerra chegou a ser sustentada. Esse campo de signos reflete o militarismo presente na figura do presidente desde as campanhas iniciais, mas quando é direcionado às estratégias de cuidado exigidas na pandemia colocam em cena noções cruéis como a de que morte são inevitáveis e sacrifícios são necessários, ao mesmo tempo que excluem do debate público noções de cuidado, empatia, solidariedade e responsabilização coletiva (MOREIRA et al, 2020; HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2021).

Para Moreira e colaboradoras (2020) a gramática da guerra se conjuga com a figura da casa como principal “arma” contra a proliferação do vírus, mas é preciso ainda reforçar que a política do “fique em casa” na real foi uma política de sobrevivência, longe de ser um acessível e possível a todos seja pelas questões de renda e emprego, ou ainda, pela ausência concreta de uma casa. Ainda assim as autoras de se perguntam, “a casa protege há quem?” Os números de violência doméstica contra mulheres apresentaram aumento em diversos países e os números são ainda mais alarmantes se colocarmos em cena que o isolamento e a própria convivência contínua com o agressor diminuem a possibilidade de denúncia de muitas mulheres vítimas de violência.

Sobre esses dispositivos as autoras fazem uma aposta que se:

analisados a partir de uma perspectiva feminista, embaralham as fronteiras do pessoal e do político, possibilitando articular as relações de poder em embates cotidianos nos espaços íntimos e em contextos sociopolíticos ampliados, resistindo a abordagens individualizantes e dicotômicas (MOREIRA et al., 2020, p.3)

Nessa aposta está também um alerta ao que as autoras chamam de “cegueira de gênero”:

As inúmeras frentes de ações políticas para o enfrentamento da pandemia, quando não pensadas sob as lentes das desigualdades de gênero, são potencialmente produtoras de maiores vulnerabilidades específicas para as mulheres, nos diferentes aspectos da vida social, além de acentuarem aquelas já presentes antes da crise sanitária (MOREIRA et al., 2020, p.12).

Se, como discutiremos adiante, a arte e a literatura podem se configurar como uma das formas de enfrentamento da pandemia é necessário pensá-la, pensar os encontros com a literatura, os sentidos produzidos por esse encontro sob essa perspectiva, de modo a não reforçar ou produzir noções naturalizantes que perpetuam a violência e a opressão.

## 4. ARTE, LITERATURA E RESISTÊNCIA

Apresentaremos neste capítulo parte da revisão bibliográfica do trabalho que teve como foco a relação entre arte e pandemia, além disso trazemos também neste momento o que pode ser entendido como a fundamentação teórica da pesquisa, especialmente no que concerne à compreensão da função social da arte e sua relação com os sentimentos e o psiquismo humano, por fim costuramos, com algumas referências fundamentais do debate sobre literatura no Brasil, uma breve reflexão sobre o lugar da resistência na vivência literária.

### 4.1 Arte na pandemia

E onde entra literatura no meio disso tudo? Agora que já tentamos compor o cenário amplo onde se inserem as experiências que serão analisadas nesta pesquisa, isto é, os momentos de encontro com a literatura vividos por mulheres, o cenário como mostramos é de uma profunda crise acionada pela crise sanitária da pandemia mas que se insere numa realidade fundada na opressão/exploração/dominação, uma realidade em crise permanente que restringe as possibilidades de humanização experimentadas pelos sujeitos, tão mais restritas quanto mais vulnerabilizados se encontrem e a pandemia se configura como um fator que produz por si mesma vulnerabilidades e sofrimentos profundos. Diante desse cenário construímos a questão: Qual o papel da literatura nisso tudo?

Na tentativa de compor uma resposta ampliamos a reflexão, nesse momento, para o papel da arte nessa situação, com isso procuramos abranger diferentes tipos de arte. Pensamos assim poder responder a uma questão mais ampla e fundamental – qual o lugar da arte (e da literatura) diante das crises - individuais, familiares, sociais -? O que a literatura e a arte podem oferecer diante desse momento decisivo que rompe, afasta, desterritorializada, bagunça?

Na pandemia as questões da arte e da cultura foram extensamente pensadas e debatidas, desde os meios de comunicação midiáticos até mesmo nos meios acadêmicos. Apresentamos a seguir pesquisas que tomam como foco de análise alguma forma de expressão artística (literatura, artes plásticas, música) durante a pandemia, de antemão, e dado a conjuntura nacional, é necessário já afirmar que a cultura e arte são direitos básicos, elementos vitais da vida em sociedade – discutimos isso mais a frente mas sinto que é necessária a defesa marcada dessa posição.

Entre os estudos sobre o papel da arte na pandemia temos o grupo ELAM (MEDEIROS et al., 2020) que relata uma experiência de um grupo de estudos sobre arte e literatura de estudantes de medicina que teve sua dinâmica reformulada pela pandemia, não só na estrutura e organização dos encontros mas também nas temáticas abordadas pelo grupo que produziu crônicas, aquarelas e colagens que buscaram retratar as vivências dos alunos durante o período de isolamento social. Para eles, a arte funciona como uma estratégia de *coping*, uma forma de enfrentamento capaz de expressar e reelaborar os sentimentos negativos que a pandemia evocou nos participantes do grupo. Os autores apontam ainda a importância da arte na promoção de habilidades essenciais à medicina (e à vida em sociedade) – como por exemplo o pensamento crítico, a comunicação e a empatia.

Menezes e colaboradores (2020) contam sobre a construção de um projeto específico para a quarentena baseado na leitura de contos, crônicas e outras produções literárias em “*lives*” no Instagram. É necessário apontar que o uso e a importância das redes sociais cresceram exponencialmente nesse período já que essas passaram a ser em muitos contextos a única forma de contato e socialização para as pessoas em isolamento e as *lives* foram uma ferramenta muito presente nos discursos e práticas durante a pandemia. O grupo de autores buscou utilizar essa ferramenta na construção do seu projeto numa aposta de que a sensibilidade ofertada pela literatura seria um potente bálsamo contra os sofrimentos deflagrados pela crise pandêmica, mas não só, a sensibilidade e a riqueza dos símbolos e figuras evocadas pelos textos que o grupo trouxe em sua leitura possibilitaram reflexões, reformulações e criações de outros mundos, outras formas de viver e experienciar ao que se impunha como intransponível.

Nesse sentido, a literatura se apresenta como estratégia para **preservar e promover espaços-tempos de ruptura** com o circuito rotineiro de nossas existências e assim possibilita a abertura de brechas e janelas para problematizarmos o instituído que se manifesta: no ritmo de produtividade, nas diversas paisagens da desigualdade social, principalmente no contexto político-epidemiológico com o qual estamos lidando (MENEZES et al, 2020, p.2).

Isso nos lembra Michèle Petit (2010) falando que a literatura é uma “oferta de espaço” ou Vygotsky (1999) afirmando que “a arte transforma a vida de água em vinho”. Ressaltamos a importância de se romper com os circuitos rotineiros ainda mais quando esses circuitos se encontram tão restritos como no contexto de isolamento social, um circuito restrito a pouco metros quadrados. É nessa possibilidade da oferta de um espaço que a literatura produz potência de saúde. E na promoção de saúde mais do que na diminuição do sofrimento que a literatura apresenta sua potência como uma tecnologia do campo da saúde mental, nesse sentido

Menezes e colaboradores (2020) recorrem à discussão proposta pelos psicólogos Túlio Franco e Emerson Merhy no qual elencam três tipos de tecnologias presentes nos campos da saúde – tecnologias duras; leve-duras e leves – duras: são os componentes materiais, estruturas físicas etc.; leve duras: os procedimentos, as técnicas e as tecnologias leves são o manejo dos vínculos, relações, simbólica, cuidado, uma tecnologia que exige a sensibilidade – na qual a literatura opera como um ator possível de promoção.

Ao apresentar alguns resultados do projeto os autores apontam com certa surpresa a presença de maioria feminina nas participações e interações com as leituras e posts na rede social. Essa maioria feminina é pensada a partir dos marcadores simbólicos que associam o gênero feminino e evocam uma suposta sensibilidade “necessária” à leitura do texto literário. Trago esse comentário aqui porque a pesquisa que nos propomos a construir pode incorrer nesse risco de conjugar a experiência literária como uma possibilidade feminina ou mesmo naturalizar o fato de “mulheres lerem mais” como expressão de fatores intrínsecos à uma suposta feminilidade. No nosso caso optamos pela escuta específica de mulheres por compreender que a vivência da crise pandêmica foi atravessada e potencializada pela opressão patriarcal, dessa forma buscamos escutar qual o sentido da literatura na crise dentro da crise.

Contudo associação entre literatura e mulheres nunca é vazia de significados, como Zanello (2020) evidencia ao falar do papel pedagógico exercido pela literatura durante séculos numa pedagogia do gênero que “ensinava” o lugar da mulher da sociedade, ou ainda a ideia de uma literatura perigosa que poderia dar vozes aos desejos “impuros” e por isso deveria ser combatida. Com tudo isso propomos que na escuta das mulheres que aqui se realizará mais adiante essas perspectivas estejam em jogo num processo constante de desnaturalização das relações e papéis entre literatura e gênero.

Voltando à experiência específica da pandemia Menezes e colaboradoras (2020) apontam a presença constante de questões sobre luto, mortalidade, finitude, memória e sentido da vida que as leituras evocavam – mas não como um acaso – o grupo fez um trabalho de curadoria com os textos que seriam apresentadas para que pudessem dialogar com a experiência de crise imposta pela pandemia, na literatura estão dispostas novas possibilidades narrativas que são essenciais no manejo dos temas abordados.

O contexto da pandemia aparece também nas artes visuais, como na história em quadrinhos “Confinada” que retrata o cotidiano de duas mulheres durante a pandemia – uma

empregada doméstica e sua patroa – o retrato fiel da desigualdade cruel do Brasil reflete nas percepções por vezes completamente opostas que ambas têm dos acontecimentos que marcam a pandemia no Brasil – o próprio isolamento social retratado aqui como um privilégio de classe do qual somente a patroa aproveita, a isso se somam o direito ao luto, ao repouso e à esperança. Contudo para Piva e Martins (2020) a arte, diante das catástrofes da humanidade, vai além de uma mera ferramenta de retrato da realidade.

A arte responde a esses eventos com um vasto e complexo repertório de imagens não apenas como registros de tragédias humanas ou testemunhos de épocas em meio ao caos e às catástrofes. Tais representações expressam também — e talvez especialmente — sua potência como um convite ao olhar e à reconfiguração crítica de uma vasta gama de experiências individuais e coletivas — tão peculiares quanto multifacetadas, portanto — que têm lugar no cotidiano das pessoas durante esses eventos devastadores (PIVA; MARTINS, 2020, p.257).

Nos deparamos até aqui com noções da arte como estratégia de *coping*, como tecnologia leve e como registro mas falta ainda considerar um papel prontamente atribuído à arte nos debates públicos, arte como entretenimento. Para isso recorreremos à Bonfim, Santos e Barbosa (2021) que analisaram o cenário das *lives* musicais no Brasil durante a pandemia. Os números que essas transmissões acumularam foram absurdos, o recorde pertence a cantora Marília Mendonça com mais de 3 milhões de usuários ao vivo. Diante desse cenário os autores se questionam “Qual o papel da arte e dos artistas na sociedade capitalista, especificamente no contexto da pandemia?”. No movimento de produzir uma resposta à tal questão apontam diferentes papéis à arte, ou melhor, diferentes tipos de arte com diferentes papéis, uma arte aproximada do entretenimento cuja função se resumiria a produzir uma fuga, um distanciamento da realidade como tal, e um segundo tipo que é capaz de transformar os sentimentos, de promover uma apreensão diferente e mais elaborada da vida.

Contudo os autores ressaltam ainda que a diferença entre esses tipos não deve ser tomada por um critério moralista entre uma arte boa e uma arte ruim e menos ainda promover uma leitura elitista que separe arte erudita e arte popular como critérios de validação de valor estético. A questão não é, então, promover uma hierarquia entre os tipos de arte, mas compreender suas diferenças e os determinantes que as compõem, a arte enquanto entretenimento responde a uma necessidade urgente e constante de distanciamento psíquico e emocional que as situações de crise exigem, contudo é necessário compreender que essa necessidade não explica toda forma de arte e nem pode à ela ser submetida mas na sociedade capitalista temos acompanhado uma hostilidade crescente ao campo artístico e cultural. No

Brasil atual isso se dá inclusive como política de governo, num ataque constante às artes e cultura e no desmonte das políticas de incentivo (VALENTE, 2022) e num momento como a crise pelo qual passamos é fundamental não esquecer que a arte pode ser mais do que entretenimento, por que ao fim podemos apagar as condições que exigem atenção e silenciar as possibilidades de transformação de si, das relações e da realidade que a arte dispõe, durante a pandemia é fundamental não perder a potência transformadora que arte evoca.

#### **4.2 Função social da arte**

Como podemos ver as reflexões sobre a arte na pandemia circularam por diferentes campos estéticos com uma rapidez singular e embora as formas artísticas, e por vezes os objetivos dessas pesquisas tenham divergido, está presente em todos estas alguma concepção de arte, uma posição estética que fundamenta as reflexões, e em relação com a pandemia essa concepção não escapa de refletir sobre a função social da arte seja como fundamento ou como aspecto secundário mas sempre presente.

Para compor essa discussão recorreremos a uma concepção de arte apresentada por Vygotsky, especialmente na obra *Psicologia da Arte* (1925/1999) na qual propõe uma leitura materialista, história e dialética do efeito estético, discutindo com as principais vozes de seu tempo na perspectiva de construir uma teoria da reação estética, para isso debate com os formalistas e os sensualistas e até mesmo com a psicanálise freudiana. Num movimento dialético apresenta as teorias tecendo suas críticas e compondo com elas uma rede de significações que fundamenta suas reflexões. Uma das principais críticas do autor e que fazem sentido neste trabalho, é direcionada aqueles que produzem uma psicologia do artista ou uma psicologia do espectador, nunca uma psicologia da arte. Com isso ele começa sua defesa a um caráter fundamental da arte, isto é, que ela é relacional, a arte enquanto um fenômeno não é explicado pelo funcionamento psicológico do autor ou do leitor mas é uma relação que estabelece na/pela obra de arte, e essa relação é a catarse.

A catarse é o processo fundamental da teoria estética de Vygotsky mas ele a propõe de modo diferente do clássico. O conceito de catarse clássico se refere à noção aristotélica de uma descarga de energia, um efeito da arte pelo qual os comportamentos e sentimentos reprimidos seriam liberados, purificados. Vygotsky (1999), de modo distinto,

propõe uma perspectiva de transformação, superação<sup>10</sup> para a catarse. Transformação dos sentimentos, por isso afirma que o campo específico da arte é o campo do sentimento e que a arte é a técnica social do sentimento. Na perspectiva da psicologia sócio-histórica o nosso psiquismo é formado nas relações sociais, e conseqüentemente nossos sentimentos também. É pelos processos criativos que nos apropriamos dos conjuntos simbólico-culturais historicamente acumulados que compõem as possibilidades humanas, essa apropriação que ocorre pela mediação dos signos e que permite os saltos qualitativos que caracterizam a atividade propriamente humana (VIGOTSKI, 2001).

No entanto, cabe apontar alguns cuidados quanto à essa relação, primeiro que o social aqui não diz respeito somente ao coletivo, a um agrupamento de pessoas, mas indica uma relação com a totalidade da produção humana que é histórica e culturalmente construída e com a qual o sujeito interage desde seu nascimento. Segundo, Vygotsky (1999) adverte contra uma concepção mecanicista dessa relação afirmando que

Tudo em nós é social, mas isto não quer dizer, de modo algum, que as propriedades do psiquismo do indivíduo são, em sua totalidade absoluta, inerentes a todos os demais integrantes de dado grupo (VYGOTSKY, 1999, p. 72)

Pois o psiquismo se forma a partir das vivências singulares na relação com a totalidade social mediada pelas particularidades de cada um, ou seja, embora tudo que nos torna especificamente humanos seja social, a forma como cada um se apropria desse acúmulo cultural e histórico é única e singular (OLIVEIRA, 2005).

Atuando como uma ferramenta fundamental nos processos de apropriação da realidade e do acúmulo cultural humano, especialmente no campo dos sentimentos, a arte assume o papel central na possibilidade de organização social da vida. Vygotsky (1999) a considera uma *função vital da sociedade que deve ser estudada em conjunto com todos outros campos da vida social e no seu condicionamento histórico e concreto*” (p.9) mas que alcançou tal nível de complexificação que faz com que ela já não possa mais ser explicada diretamente pelas relações econômicas como subproduto ideológico da infraestrutura. A arte constitui um campo único dentre os fenômenos humanos, mas não se realiza desgarrada da realidade concreta da vida, realidade essa da qual retira todo seu material.

---

<sup>10</sup> No sentido de superação dialética, i.e., a superação ocorre por incorporação do antigo e não destruição completa deste.

Apoiado na noção de catarse como processo/atividade transformadora, Vygotsky (1999) vai na contramão de um raciocínio que toma o efeito da arte sobre as emoções e sentimentos como mero contágio, tem menos sentido ainda a perspectiva que toma a arte resumida à uma ferramenta da pedagogia, pois a vivência estética da catarse está fundada na contradição. Arte não é multiplicação dos sentimentos (contágio) é transformação (catarse). Surge da realidade, volta a ela mesma e convoca o leitor a uma participação ativa,

eis porque a percepção da arte exige também criação, porque para essa percepção não basta apenas vivenciar com sinceridade o sentimento que dominou o autor, não basta entender a estrutura da própria obra, é necessário superar criativamente seu próprio sentimento, encontrar sua catarse. (VYGOTSKY, 1999, p.314)

Por isso o efeito estético fundamental da arte não pode ser equiparado ao prazer estético, este compõe aquele mas não se resume a ele, por seu caráter transformador e fantasioso Vygotsky (1999) afirma que buscamos na arte aquilo geralmente evitamos na vida, a tensão, o medo profundo, as paixões extremas, os crimes e castigos, porque o sentido da obra não é a harmonia, mas a contradição e superação que ela permite/evoca e que é capaz de **“esquivar-se da realidade e transformar água em vinho como sempre o faz a obra de arte”** (VIGOTSKI, 1999, p.191). Contudo essa esquiva da realidade não se configura na obra vigotskiana como o esquecimento/distanciamento que o entretenimento provoca, mas como um convite a habitar outro espaço-tempo que permite e convoca a pensar novas formas de relação com o mundo-vida.

Comentando o efeito contraditório no conto *Leve Alento*, de Iván Bunin, Vygotsky (1999) afirma que:

os acontecimentos estão reunidos de tal forma que perdem o peso do vivido e o sentimento baço; estão melodicamente entrelaçados e, em seu crescimento, em suas soluções e mudanças – parecem soltar as linhas que as prendem (VYGOTSKY, 1999, p.191)

E comentando *Hamlet*

quando vivemos *Hamlet* temos a impressão de que vivemos milhares de vidas humanas em uma noite e, de fato, conseguimos experimentar mais emoções do que em anos inteiros da nossa vida comum (VIGOTSKI, 1999, p. 243).

Vygotsky aposta na possibilidade de elaboração que esse vivenciamento de *“milhares de vidas humanas”* permite. A experiência estética não se funda numa liberação de emoções

que estavam reprimidas, da qual a descarga provoca prazer. A experiência estética evoca, cria e constrói emoções completamente novas, que até então não havíamos sentido - porque podemos viver outras vidas - experimentar dimensões completamente novas da existência humana, e modo singular essa experiência nasce do encontro na obra das potências e vivências de autor, leitor e em algum nível toda humanidade.

No mesmo sentido o sociólogo brasileiro Antonio Candido num texto clássico “O direito à literatura” (1970/2011) defende de modo semelhante a função social da literatura, como um equipamento intelectual-afetivo que nos fornece a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas e situações da vida e por meio da organização/disposição do texto nos deixa capaz de ordenar nossos sentimentos e nossa visão de mundo.

A função da literatura está ligada à complexidade da sua natureza, que explica inclusive o papel contraditório mas humanizador (**talvez humanizador porque contraditório**) (CÂNDIDO, 1999, p. 176).

Nesse sentido, a função social da arte e da literatura não se baseia nos conteúdos por ela abordados, ainda que possa abordar questões críticas, a função social é o efeito estético, a contradição, a transformação e ampliação, que ela possibilita.

### 4.3 Literatura, crise e resistência

Essa função do efeito estético que Vygotsky aponta para arte e Cândido reconhece na literatura como possibilidade de elaboração superior, mudança, criações de novos horizontes – em tudo isso está inscrita uma potencialidade – a de resistência. E para compor esse diálogo recorreremos à Alfredo Bosi [*in memoriam*]<sup>11</sup> que em *Literatura e Resistência* (2002) elabora a discussão sobre uma literatura resistente a partir de análises de obras e autores da modernidade.

Resistência é um conceito que surge inicialmente na física como força de um corpo em oposição a outro, este passa para o vocabulário da ética como atitude humana de resistir com a própria vontade à uma vontade alheia. Bosi (2002) descreve então a passagem do conceito do campo da ética para o campo da estética, ele aponta o período do pós-guerra como fundamental

---

<sup>11</sup> Vítima da covid-19.

para criação de uma “literatura de resistência”, diante dos horrores do nazifascismo e com muitos dos autores e intelectuais engajados na militância política daqueles tempos se preocuparam em usar sua arte como oposição e desvelamento das ideologias que sustentavam os horrores até ali presenciados. Contudo Alfredo Bosi (2002) em consonância com Cândido (2011) e Vigotski (1999) afirma que a resistência é inerente à narrativa, à literatura, justamente pelas potencialidades que seu campo simbólico-imaginário evoca e constrói, pelas suas formas de propor outros tempos e outras lógicas, pela possibilidade de escancarar as contradições que se instauram em nossa experiência cotidiana e são naturalizados. Para Alfredo Bosi (2002) a escrita de resistência é aquela capaz de mostrar que “*a vida como ela é*” não é a vida plena e muitas vezes o contrário de uma vida digna de ser vivida.

É nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que está abraça e transcende a vida real. A literatura, com a ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode **ser o lugar da verdade mais exigente** (BOSI, Alfredo, 2002, p.27).

E se a literatura é prenhe dessa possibilidade de resistência fica a questão ao que e quando resistir? Para Vygotsky (1999) nós só nos voltamos verdadeiramente à arte nos momentos críticos de nossa vida, quando o acúmulo dos sentimentos e a possibilidade de elaboração parecem tão restritos que exigem um outro espaço. Cândido (2011) defende a necessidade da presença constante da literatura e seu potencial formador e a importância de tê-la como um direito humano. Alfredo Bosi (2002) aponta a literatura como resistência aos movimentos históricos da modernidade, leia-se do capitalismo, que querem apagar o ser humano da história, promover um indivíduo fechado sobre si mesmo e refém das identidades que lhe são impostas, a literatura como resistência a toda forma de desumanização.

Mas além destes, a socióloga Michele Petit (2010) traz uma resposta já no subtítulo de seu livro “*A arte de ler: ou como resistir à adversidade*” nesse livro ela resgata diversas experiências de grupos de mediação de leitura na América Latina em situações críticas, os desterritorializados pela guerra na Colômbia, as favelas no Brasil e na Argentina. Em todos esses casos junto a alguns depoimentos de pessoas importantes da história da literatura vão compondo a reflexão que tentamos aqui acompanhar, de que a literatura oferta um espaço àqueles que se veem encerrados pelas adversidades impostas pela cruel desigualdade que massacram nosso continente, consequência de uma exploração econômica selvagem, segregação prolongada e dominação social feroz.

Retomemos a noção de crise presente na obra apresentada no capítulo anterior.

Crises vividas como rupturas, ainda mais quando são acompanhadas da separação dos próximos, da perda da casa ou das paisagens familiares, as crises confinam em um tempo imediato – sem projeto, sem futuro – em um espaço sem linha de fuga. Despertam feridas antigas, reativam o medo do abandono, abalam o sentimento de continuidade de si. (PETIT, 2010, p.21)

Se a crise é marcada pela ruptura, pela perda dos modos de regulação sociais e psíquicos e pelo confinamento num tempo imediato, num campo de sentidos restrito a literatura se opõe diametralmente a esses sentimentos ao se configurar como uma oferta de espaço. Espaço esse governado por um outro tempo, um tempo que convoca à lentidão e a reflexão, ao mesmo tempo que é um espaço de movimento, um espaço onde algo acontece.

Assim a resistência, ou o *como resistir* surgem na literatura através do seu caráter humanizador, vitalizador, potencializador. É na oferta de tempos-espacos, de sentidos e sentimentos que o encontro na/pela obra pode evocar/provocar, nos momentos *em que se levanta os olhos do livro*, que se insere a possibilidade de resistir.

## 5. MÉTODO

Nos propusemos neste trabalho a escutar, compreender e refletir sobre os sentidos construídos por mulheres sobre a vivência literária durante a pandemia de covid-19. Para tanto, elaboramos este trabalho como uma pesquisa de cunho qualitativo, que tem como objetivo central identificar e compreender os sentidos produzidos por mulheres sobre a vivência literária durante o período de isolamento social.

As pessoas ouvidas afirmaram, em condições diversas, que mantiveram um contato significativo com a literatura durante esse período, um critério importante utilizado para a escolha das entrevistadas. Os relatos foram colhidos através de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas. Buscar compreender os sentidos de uma experiência é uma tarefa que exige cuidado e sensibilidade em todas as suas etapas, desde a escolha dos depoentes, a construção dos materiais e ferramentas, a prospecção do campo até o processo de reflexão e compreensão exercido sobre essas narrativas. Diante dessa exigência de cuidado e sensibilidade retomaremos aqui os principais marcos no amadurecer dessa pesquisa, como uma forma de historicizá-la também.

Etapas preparatórias: Primeiro realizamos uma revisão bibliográfica sobre o campo social e conceitual da pesquisa, recorrendo especificamente a estudos produzidos durante a pandemia e investigações históricas que tinham como foco as relações entre psicologia, literatura e gênero e o lugar da literatura diante de crises. Tal etapa da pesquisa se encontra sintetizada nos primeiros capítulos deste trabalho e deram base à construção do roteiro de entrevista (anexo A) utilizado nos encontros com as depoentes. Ainda no campo das etapas preparatórias realizamos a prospecção do campo levantamos nomes de possíveis depoentes, dentre esses nomes pensamos em Rita Kileber Barbosa, escritora da tese que foi um dos blocos que pavimentou o caminho até esta pesquisa. Realizamos com Rita uma entrevista piloto, aberta, com o intuito de refinar os enfoques que seriam trabalhados no roteiro.

Entrevistas: As entrevistas foram realizadas de maneira remota (*online*) através de plataformas digitais como *Google Meet* ou *Zoom* tiveram duração média de uma hora, foram gravadas e posteriormente transcritas. Se caracterizaram como entrevistas semiestruturadas, tendo como guia o roteiro amplo elaborado nas etapas preparatórias com base nos objetivos da pesquisa e em consonância com a revisão bibliográfica, mas abertas aos temas que surgiram e que ultrapassaram os limites desse instrumento. Os convites foram realizados pessoalmente

diante da escuta de relatos espontâneos que as depoentes fizeram sobre o papel da literatura durante a pandemia.

Retomando a noção de Ecléa Bosi (2003) de que o depoimento é um trabalho, ressaltamos o quanto essas entrevistas tiveram em si mesmas um caráter de construção e reflexão. A escuta do pesquisador não é uma escuta neutra, a própria entrevista já foi uma experiência interpretativa, tanto para o pesquisador quanto para as entrevistadas. Temas inéditos ganharam destaque, o próprio roteiro foi sendo redesenhado no decorrer das entrevistas seguindo a linha que a memória das depoentes convocava.

Análise qualitativa: Foi realizada a partir da transcrição e sistematização das entrevistas, tendo como inspirações teórico-metodológicas as propostas de Aguiar e Ozella (2006) com os núcleos de significação e de Minayo (2012) com análise qualitativa, que toma a interpretação como um processo de contínua compreensão. Nesse sentido, produzimos a sistematização do material. Depois de uma *leitura impregnante*, demarcamos as principais falas que se relacionavam aos objetivos da pesquisa, isto é, a pandemia, a literatura e as relações de gênero construindo núcleos temáticos a partir dessa sistematização. No entanto, optamos por ampliar essa análise no sentido de compreender os relatos em sua totalidade e ir tecendo uma costura articulando entre si as entrevistas e os debates apontados até aqui, compondo a nossa colcha de fuxicos.

Cuidados éticos: A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP visto que se tratou de uma pesquisa envolvendo seres humanos, tal etapa entra em conformidade com a legislação vigente (Res. N. 466 de 12/12/2012 – MS/CNS/CONEP). Antes de cada entrevista com as depoentes realizamos uma introdução da pesquisa na qual estava contida: a clarificação dos objetivos e do procedimento da pesquisa, explicação quanto ao sigilo da identificação, explicação quanto à voluntariedade da participação (podendo ser interrompido se a pessoa desejar), explicação perante a possibilidade de a pessoa entrar em contato com a pesquisadora e com o Comitê de Ética da PUC-SP. As participantes foram devidamente esclarecidas sobre o caráter estritamente acadêmico da pesquisa e a segurança do sigilo em relação à emissão e guarda das respostas. Os arquivos das entrevistas (áudios e textos) foram armazenados sob sigilo, em computador de uso pessoal do pesquisador, ao qual apenas ele tinha acesso. Após esses esclarecimentos as participantes realizaram a assinatura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (TCLE). Ao final da pesquisa serão realizadas devolutivas para cada participante.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP sob protocolo:  
CAAE: 52929721.9.0000.5482.

## 6. OS SENTIDOS DA VIVÊNCIA LITERÁRIA DE MULHERES NA PANDEMIA

Apresentaremos neste capítulo o ponto central desse trabalho, o depoimento de duas mulheres que durante a pandemia vivenciaram no contato com a literatura uma possibilidade de viver, enfrentar, resistir à profunda angústia imposta por essa situação. No encontro com elas pudemos ver a construção suave de sentidos profundos que a reflexão sobre suas vivências produziu. Apresentaremos inicialmente a cada uma de forma separada - a partir do que elas contam sobre si mesmas - tentando evidenciar os principais temas que saltaram aos olhos e ouvidos nas conversas com ambas, especialmente aquelas imagens-metáforas que sintetizaram boa parte da complexa rede de sentidos foram atribuídas à literatura nesse momento. A linguagem não se restringir aos moldes acadêmicos é na tentativa-esperança de acompanhar a poética intrínseca da fala das entrevistadas, tentaremos ser o mais fiel às formas pelas quais elas construíram seus discursos, e confesso o desejo que essas transcrições foram transpostas par a par no texto, na impossibilidade de fazê-lo expomos os principais momentos.

Antes de apresentarmos as nossas participantes um adendo: no final de 2021 as orientações que versavam sobre as políticas de isolamento começaram a ser revistas permitindo o retorno das aulas presenciais e a retomada gradativa das possibilidades de circulação, por isso consideramos que as entrevistas aconteceram num momento da pandemia diferente daquele em que a pesquisa foi delineada, isso embaralhou os limites entre lembrança e registro, passado e presente, dando um peso significativo ao trabalho da memória para resgatar as vivências e sentimentos do pico da pandemia e dos períodos de isolamento, e esse trabalho de memória como foi como um novelo, o fio puxado não se deteve nas lembranças da pandemia foi mais longe na infância e adolescência, nos primeiros encontros com a literatura, o passado foi um elemento presente indiscutível nas duas entrevistas, mas trouxe também novos sentidos relacionados ao que tem sido popularmente chamado de pós-pandemia, mesmo que os níveis de transmissão do vírus ainda estão em constante flutuação.

### 6.1 Rosana: a literatura como *uma janela para o mundo*

Rosana é uma mulher branca de 48 anos, professora de língua portuguesa da rede de ensino estadual, é casada, mãe de uma filha e mora com o marido e o enteado numa cidade da região metropolitana de São Paulo. Mas ela se apresenta como alguém *tentando ser*.

*sou muito mais aprendiz. Mãe, vó e tia. Parceira, companheira das minhas amigas. Nem otimista, nem pessimista, mas com uma grande vontade de fazer a diferença nessa área da mulher, de atuar. Não ficar imparcial. Não ficar alheia. Ser atuante na sociedade. Essa é Rosana hoje.*<sup>12</sup>

Foi ouvindo seu primeiro relato informal sobre a experiência com a literatura que esse trabalho ganhou contornos e força, suas palavras que comparavam o seu *Kindle* a “*uma janela para o mundo*” ficaram ecoando em mim, me fazendo questionar quais potências poderiam nascer desse sentimento. Mas para compreender essa imagem foi preciso se questionar, que lugar fechado é esse que precisa de uma janela? Onde ela está senão no mundo? Rosana estava em casa. Só em casa.

Essa realidade fica gritante durante a pandemia, quando ela nos diz:

*eu não tinha emprego então não tinha para onde ir, [...] Minha rotina era rotina doméstica, limpar a casa, conviver com as crianças, conviver com a minha mãe*

Mas esse sentimento de restrição não se efetiva somente pelo fato do isolamento social, há uma restrição existencial aos seus modos de ser, Sobre isso ela nos fala de uma *sensação de falta de liberdade, de ter de estar ali, naquele lugar, naquela hora.*

*Emocionalmente eu vivia um momento difícil que eu me via muito presa numa situação de quase não poder me expressar. Falta de liberdade. Às vezes eu queria ler mas eu não podia porque o marido estava ali do lado e não podia ler.*

Mas como discutimos anteriormente, a pandemia não inaugurou essa realidade, a agudizou apenas. Se retomarmos o debate sobre as relações de gênero, noções de cuidado e submissão vão se inter cruzando como obstáculos desde a sua infância.

*Eu sou a segunda filha de seis filhos. Eu tinha a obrigação ... eu tinha a incumbência de ajudar a cuidar dos pequenos. Então eu não tinha tempo pra mim. Eu tinha tempo de ajudar em casa e ir para escola.*

---

<sup>12</sup> Optamos por apresentar as citações das entrevistas nesse formato, que difere da norma ABNT, mas que consideramos implicar mais fluidez e integração com o restante do texto.

É nesse cenário que Rosana encontra sua *janela para o mundo*, vejamos então o que ela nos diz sobre a literatura, nesse momento e na sua vida.

*Sabe aquele momento em que você pode sair de onde você vive. Eu tinha aquilo como uma janela para o mundo, era como se o mundo se abrisse [...] É uma coisa que me tira da realidade, da dura realidade. Às vezes eu leio uma realidade mais dura ainda, mas é uma forma de abrir o universo [...] a leitura é isso, aquele momento muito da gente porque você vai criar aquela história e viver ela [...] é liberdade, expressão, escape e riqueza. Riqueza no sentido de se transportar para outra cultura que talvez você não tivesse oportunidade de conhecer.*

E se essa janela mostra um mundo novo, diferente, que mundos é esse? Como vimos, é um mundo por vezes mais cruel do que ela vive. E porque então “fugir” para um lugar pior do que o que se está?

*Como eu tava lendo eu queria ver onde aquilo ia dar [...] Quando estou lendo um livro, eu vivo muito aquela história [...] porque eu sou aquilo naquele momento. Tanto que no livro do Alasca<sup>13</sup> tem uma hora que ela [a personagem] cai e quebra vários membros. É um sofrimento absurdo que ela descreve. Nossa eu vivi dores horríveis ali, porque era eu. Fora o sofrimento emocional da menina do livro. Então, eu vivo muito intensamente. Quando eu era criança, os poucos livros que eu tive oportunidade de ler eu também entrei muito na história.*

*Esse livro<sup>14</sup>, esse livro é outro mundo. Aí você vê que vive em outro mundo pequeno. Quando você vê outra cultura, outro sofrimento, você se vê não sabendo nada do que acontece lá fora. [...] Você toma contato com essas histórias e com outras pessoas que vivem esse sofrimento [...] São daqueles livros que você não sai o mesmo, não é a mesma pessoa depois de ler.*

A janela para o mundo que Rosana enxerga através dos livros é uma janela que amplia seus horizontes e assim a ajuda a dimensionar as suas próprias vivências, não para subestimar ou deslegitimar mas para dar contorno, tornar concreta e palpável essas experiências, e assim como nas janelas do mundo se vê também, por vezes, refletida nessas experiências, dependendo

---

<sup>13</sup> A Grande Solidão, de Kristin Hannah

<sup>14</sup> A pérola que rompeu a concha, de Nadia Hashimi

da luz ou do ângulo consegue enxergar nesses entremeio, nesse espaço ambíguo do reflexo a sua condição e pode então elaborar suas vivências no encontro com a liberdade que o texto literário oferece.

Ainda que não nos tenhamos proposto a fazer uma análise do conteúdo das leituras e sim da vivência literária, nos parece pertinente um olhar atento à quais foram esses livros citados na entrevista, são eles: “A paciente silenciosa”, de Alex Michaelides; “Um teto para dois”, de Beth O’Leary; “É assim que acaba”, de Colleen Hoover; “A Grande Solidão”, de Kristin Hannah (leituras durante a pandemia); “A Vaca voadora”, de Edy Lima; “Dom Casmurro”, de Machado de Assis; “A pérola que rompeu a concha”, de Nadia Hashimi e “Beleza em vez de cinzas” de Joyce Meyer (lidos em momentos anteriores à pandemia). Chamou nossa atenção que os livros lidos na pandemia, e praticamente todos os livros nessa lista abordam uma temática comum: a violência de gênero. Sobre isso Rosana nos diz:

*Não é que eu goste, eu tenho muito interesse em saber. Também por viver. Por ter vivido várias situações desde a infância. É um assunto que me chama atenção que eu tenho vontade de me aprofundar, mas não por gostar. Talvez gostar seja muito masoquista. É um assunto muito difícil porque sempre acaba tocando em algumas feridas que são do abuso psicológico, mas eu acabo me envolvendo com esse tipo de literatura. Não sei por que ... mas acontece. Eu acho isso engraçado. Talvez se for outra literatura não me chame tanto atenção quanto essa.*

Há ainda outra dimensão da vivência literária articulada com a temática da violência de gênero que Rosana nos conta, a dimensão da produção/escrita a qual ela recorreu durante a pandemia.

*A literatura no sentido de produção foi um escape. Talvez um espaço para você estar ali gritando e que você não teria coragem de dizer ou expressar. Na literatura você pode fazer. Mesmo que ninguém leia, ninguém vai publicar, **mas é quase como um grito**. É um grito de “ó tá acontecendo isso”. Dentro de mim eu não aceito, mas como eu não consigo verbalizar para o outro que eu não aceito, pelo menos eu consigo escrever que eu não aceito.*

Podemos ver nesses relatos a profundidade com que a literatura esteve presente para a participante nos momentos da pandemia, especialmente quando relacionada à temática da violência de gênero, contudo o que Rosana nos conta diz sobre um tempo especial para a

reflexão, para a elaboração de vivências passadas, não necessariamente como resultado da agudização dessas violências no período pandêmico. Discutiremos mais adiante como se deu e quais sentidos circularam nessa relação entre pandemia, tempo e literatura, mas o que fica claro aqui é que houve um acesso a um espaço de elaboração, seja na leitura ou na escrita, que nos diz sobre a potência da vivência literária.

Na fala de Rosana é quase impossível, e talvez ineficiente propor a separação de um campo de sentidos que passa a existir somente com a pandemia - como dissemos no início do texto - a pandemia é uma crise que se impõe dentro de outras crises - maiores, persistentes e estruturais. No resgate das suas leituras Rosana vai se reencontrando (ou nos apresentando) o sofrimento pelos abusos frequentes, desde criança, para os quais a literatura era grito, mas era também liberdade. Nas vezes que foi escape foi como pausa, um momento de se distanciar para depois voltar a realidade, não um lugar de negação, alienação. Porque Rosana nos diz que sai de uma realidade dura e entra numa realidade mais dura ainda, essa realidade que é dura não apenas pelos abusos e violências à qual se viu submetida, mas também pela falta de espaços de estar consigo mesma, pelos cuidados dedicados primeiro aos irmãos, depois ao trabalho, aos filhos, ao marido, por isso ela vive as histórias, para nas histórias e personagens poder viver consigo mesma em algum momento. Como ela mesmo diz: com um livro *cada um faz a sua história, o seu personagem*, constroem-se imagens, cenários, passados, futuros e presentes, o livro é um grande campo de possibilidades do qual a imaginação parte. É a possibilidade de viver mil vidas numa noite (Vygotsky, 1999, p. ???).

## **6.2 Júlia: a literatura como contato e companhia**

Júlia, é uma mulher branca de 21 anos, estudante de psicologia que está (re)descobrendo seus gostos, necessidades e companhias.

*eu estou no momento de tentar descobrir, coisas que eu gosto, coisas que eu não gosto. [...] tenho um carinho muito grande pelas pessoas que estão comigo, família e amigos. Eu gosto de estar com elas, mesmo sentindo necessidade de estar um tempo sozinha. Tinha dias que eu estava muito atarefada, fazendo muita coisa com muitas pessoas, e eu sentia muita vontade de ficar sozinha e sem precisar falar com ninguém. Acho que é um pouco disso, ficar muito fechada e ao mesmo tempo gostar muito de companhia [...] estou no momento de entender meus lados mais extrovertidos e introvertidos.*

Júlia mora atualmente em São Paulo mas passou a pandemia na casa de sua família no interior paulista, contexto esse no qual ela pode se reencontrar com o hábito da leitura. Nos conta que no início de 2021 ficou um pouco doente e, para descansar, voltou a assistir uma série que viu na sua adolescência em que as protagonistas gostavam muito de ler e inspiraram um desafio, uma lista com mais de 100 livros para serem lidos.

*E vendo aqueles livros eu fiquei com muita vontade de ler de novo. Lembrei desse costume que eu tinha quando estava em casa. Fiquei com vontade de retomar. Eu comecei a pegar os livros dessa lista e outros livros que fazia tempo que eu queria ler. Queria muito retomar meus hábitos de leitura. Coloquei na minha cabeça que nem que fosse um pouquinho, eu queria ler todos os dias para não perder isso e passar meses sem ler nada.*

*[...] Acho que a leitura se encaixava principalmente nos meinhos. Se era um livro que eu estava muito envolvida qualquer cinco minutos que eu tivesse entre uma aula e outra eu já pegava e lia o tanto que dava naquele momento. [...] Acho que o fato de estar em casa favoreceu para o hábito da leitura voltar, já que eram espaços que eu costumava ler.*

*Eu estava com muita vontade de ler alguns livros mais clássicos, que eu sempre tive vontade mas nunca tinha tido o tempo que eu achava necessário. Estando em casa, eu tinha mais tempo já que eu não precisava me deslocar para lugar nenhum.*

Fica evidente que o contexto que a pandemia proporcionou, estar em casa sem a necessidade de se deslocar, foi um fator fundamental nesse reencontro com a literatura, mas outros sentidos foram compondo esse cenário. Um cenário por vezes de restrição e solidão.

*Eu fiquei basicamente em casa durante a pandemia. Estudando. **Essa era minha função oficial.** Era estudar e tudo o mais relacionado a faculdade. [...] Acordar. Ver aula. Ler texto para aula. Ver aula. Ficava muito só nisso.*

*Eu estava com a minha família e a gente tem uma relação muito boa, são pessoas que eu gosto da companhia, mas cada um tinha suas obrigações então não dava pra ficar*

*muito tempo com as pessoas [...] Eu lembro que alguns momentos eu tava nesse campo de mais sozinha ...*

*Acho que na pandemia essa vontade [de ler] ficava ainda maior porque não estava acontecendo nada*

Júlia nos diz que mesmo acompanhada da família viu-se sozinha, o que a pandemia trouxe de específico nesse cenário é que isso diz menos sobre a qualidade dos vínculos estabelecidos e mais sobre as necessidades que são negadas diante dessa crise. A repetição constante do mesmo cenário nos mesmo limites desfavorece a apropriação dos efeitos e afetos de modo que possam preencher as lacunas da solidão. Esse cenário de restrição não só da circulação concreta mas também existencial no qual as rotinas diárias se condensam em espaços únicos, como a faculdade, e que ocuparam a quase totalidade dos dias, tornando-os repetitivos e cansativos. E diante dessa realidade enfadonha Júlia encontra na vivência literária uma dimensão de conforto e aconchego, uma possibilidade de produzir ou reencontrar outros modos de circular.

*Eu vivia muito pela faculdade e a leitura era um jeito de não estar ali só pela faculdade. [...] Isso de retomar leituras antigas, ou esse hábito de leitura com trocas com pessoas antigas, tem um pouco de **reviver coisas de outro momento** [...] Acho que os livros me ajudam a me transportar de volta para aqueles momentos que eu lembro com muito carinho [...] Acho que retomar a leitura me dá um gostinho daquilo.*

De que tempo é esse que Júlia fala? Quais e com quem são essas trocas? Ela retorna à sua adolescência para contar sobre os primeiros contatos com a literatura que acontecessem de forma compartilhada com seu grupo de amigas.

*Nessa fase dos 12 aos 14 anos, eu consegui ter uma leitura mais intensa porque eu não tinha tanta coisa para fazer na vida [...] Eu estava em um grupo de amigas que todas gostavam de ler. A gente tinha muita troca nesse sentido. A gente lia os mesmos livros, conversava sobre eles. Quando não lia a gente contava uma para outra o que tinha lido. [...] É uma amizade muito forte que continua até hoje. Eu acho que muitas das coisas que mantinham essa amizade eram nossos gostos em comum. Eram as bandas que a gente gostava, e também a leitura. [...] Nossas maiores preocupações eram os livros que a gente ia ler ou as notícias do One Direction [...] Eu acho que dava um pouco a sensação de pertencimento.*

Assim quando Júlia diz que a retomada do hábito da leitura durante a pandemia a transporta de volta a um tempo que ela lembra com muito carinho são todas essas emoções que ela evoca - pertencimento, amizade, acolhimento, afeto, companheirismo. Ao mesmo tempo que ela nos conta sobre a dimensão compartilhada da vivência literária, também nos diz sobre um espaço de contato consigo mesma num movimento de introspecção do qual a pandemia fez parte.

*Acho que quando eu fico mais introspectiva eu tendo a ler mais. Durante a pandemia eu me voltei muito mais para mim mesma e a leitura participou desse processo de alguma forma porque acaba sendo uma atividade mais solitária. Quando a gente está lendo é você com você mesmo. Acho que a leitura também era uma forma da introspecção ir acontecendo.*

Júlia apresenta isso de forma dialética, ao mesmo tempo diz que quando fica introspectiva tende a ler mais, também atribui à leitura esse movimento de volta a si mesma, porque quando você está lendo *é você com você mesmo*. Porque a literatura é de alguma forma um espaço de escuta de si, um campo aberto no qual é possível ecoar e ouvir-se a si mesma. É nesse movimento dialético que a vivência literária proporciona, de estar em contato consigo mesma e com os outros, que emerge o sentido da literatura como companhia.

*É também de certa forma alguma companhia [...] essas histórias, esses personagens estão ali de alguma forma [...] Fica bem nesse espaço de contato comigo, com os outros e companhia. [...] Tinha isso dos personagens que eu achava bem legal e queria ficar mais tempo com eles. [...] Eu me sentia apegada aos personagens. Eu sentia que eles estavam junto comigo, passando esses momentos comigo e eu os acompanhando. Eu lembro que quando acabei Jogos Vorazes e eu chorei muito “meu deus ... eu não vou ter mais ... meus amigos”.*

E quando questionada sobre o que fica dessa relação com a literatura no pós-pandemia Júlia é enfática.

*Eu sinto que os livros estarão lá para quando eu precisar. Eu sinto que agora tem várias coisas acontecendo na minha vida. Coisas super legais. Mas eu sei que quando eu precisar deles, eles estarão aqui. Eu não tenho uma resposta pronta, mas eles estarão aqui quando forem necessários.*

Ao ser questionada sobre o que fica desses encontros quando a pandemia passar, Júlia traz a certeza de que os livros *sempre estarão ali* como companhia e segurança. É interessante notar como ela apresenta essa certeza, constrói uma contraposição indireta do momento atual - retomada das atividades presenciais - com o período de maior restrição quando diz que *agora estão acontecendo muitas coisas* mas que sabe que os livros estarão ali pra quando ela precisar porque eles já estiveram uma vez quando precisou. Quando nada acontecia, os livros deram movimento à vida, um movimento de retorno e de resgate a um momento de afeto e conforto para o qual sempre poderá voltar.

## 7. ALGUMAS COSTURAS

Apresentaremos neste capítulo algumas costuras entre os temas apresentados pelas participantes e as bases teóricas a que recorreremos nos capítulos iniciais deste trabalho, com isso, esperamos aprofundar as reflexões e os debates levantados; afinar e enriquecer a malha dessa rede de sentidos que foram sendo construídos sobre a vivência literária ao longo da produção da pesquisa. Nesse momento procuramos construir as pontes, apontar os nós e encruzilhadas em que os sentidos se encontram, mesmo aqueles que à primeira vista se mostraram contraditórios na realidade são facetas complementares que dizem sobre uma realidade complexa.

### 7.1 Espaços e transformações

Tomemos agora a categoria de vivência presente na obra de Vygotsky para pensar sobre o impacto e profundidade que os encontros com a literatura proporcionaram para as entrevistadas. As vivências são unidades dinâmicas do psiquismo “um tipo de apreensão do real que não é mera interpretação, não é mera emoção, mas integra todos os aspectos da vida psíquica.” (TOASSA; SOUZA, 2010, p.759), isto é a vivência é uma experiência que nos conecta com o mundo, a partir da qual somos capazes de significar, de produzir sentidos singulares para as experiências (VYGOTSKY, 1999).

Ressaltamos o caráter de totalidade da vivência, uma experiência de todo o psiquismo, que aciona/efetiva as mais diversas funções como memória, linguagem, imaginação, emoção. No entanto as vivências reordenam a hierarquia dessas funções, e para a vivência estética o campo central é o campo dos sentimentos, é na unidade entre fantasia e sentimento que se baseia qualquer arte, e especialmente a literatura, que por sua forma exige um trabalho imaginativo e criativo do leitor para dar vida, cores, texturas e sabores a história lida (VYGOTSKY, 1999). Não basta apenas vivenciar o sentimento que dispôs o autor ou compreender a estrutura da obra para que a vivência estética se efetive, “é necessário superar criativamente seu próprio sentimento, encontrar sua catarse” (VYGOTSKY, 1999, p.314), pôr em jogo seus próprios sentidos.

“A arte deste modo, surge como o mais forte instrumento na luta pela existência, e não se pode nem admitir que seu papel se reduza a comunicar sentimentos e que ela não implique nenhum poder sobre esses sentimentos” (VYGOTSKY, 1999, p. 310)

Os sentimentos assim experienciados pela arte não são vivenciados como uma cópia do sentimento alheio, ou como uma sombra, memória de um sentimento passado. A emoção é sempre atual e verdadeira,

“se um poema que trata da tristeza não tivesse nenhum outro fim senão contagiar-nos com a tristeza do autor isso seria muito ruim para a arte, o milagre da arte lembra antes outro milagre do evangelho – a transformação da água em vinho, e a verdadeira natureza da arte sempre implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte implicam o algo mais acima daquilo que neles está contido. E este algo transforma sua água em vinho, e assim se realiza a mais importante missão da arte (VYGOTSKY, 1999, p. 307).

Podemos assim compreender a contradição expressa por Rosana em sua fala quando nos diz que sai de uma realidade dura para uma mais dura ainda, porque o que está posto enquanto possibilidade não é apenas sofrer junto, ainda que isso possa concentrar grande parte da experiência da leitura, mas há um espaço novo, um espaço de elaboração e reflexão, ao viver cada uma dessas histórias ela cria uma possibilidade de construção e reconstrução de si mesma fundada na catarse, isto é, na transformação qualitativa dos próprios sentimentos.

Quando falamos que a vivência literária abre um novo para elaboração essa imagem é inspirada em Petit (2010) que define a literatura como uma oferta de espaço, sendo uma oferta ela precisa ser aceita, e dependendo de quem e como a aceita assume formas variadas e singulares. Vemos que essa definição encontra eco nas falas das depoentes mas em diferentes direções, enquanto Rosana aponta para a ampliação do seu mundo, que ela observa através da janela, e busca nesse outro mundo, novas culturas, novos afetos, novas vivências, Júlia vê na literatura um meio de retorno à um passado de conforto e pertencimento. Assim, pertencimento e estranhamento vão surgindo dialeticamente como sentidos de uma mesma experiência, como potenciais desse contato com a literatura, diferentes formas de expressar o espaço que ela pode ofertar. Contudo, em ambos os casos “o que está em jogo é a possibilidade de tornar o mundo habitável” (PETIT, 2010, p. 95), trazer movimento à um tempo-espaço que parecia congelado.

Mais adiante no texto Petit (2010) retoma as potências que a literatura oferece e desse vez, assim como Vygotsky, indica o papel ativo que o leitor tem diante dessas potências, a

literatura aqui é reserva da qual se lança mão para criar ou preservar intervalos onde respirar, dar sentido à vida, sonhá-la, pensá-la” (PETIT, 2010, p. 285). Esse sentido de oferta/criação de espaços pela literatura é compartilhado também pelo grupo de pesquisadores que promoveram a contação de histórias no Instagram durante a pandemia.

“Nesse sentido, a literatura se apresenta como estratégia para **preservar e promover espaços-tempos de ruptura** com o circuito rotineiro de nossas existências e assim possibilita a abertura de brechas e janelas para problematizarmos o instituído que se manifesta: no ritmo de produtividade, nas diversas paisagens da desigualdade social, principalmente no contexto político-epidemiológico com o qual estamos lidando (MENEZES et al, 2020, p. 2).

É interessante notar como o lugar do novo e do velho, da criação e da preservação vão se articulando aqueles sentidos que encontramos na fala das participantes, uma indo em busca de novos mundos e a outra retomando – preservando – espaços que já tinha habitado. Quando nesses espaços, nessas brechas, tendemos a imaginar lugares de ampliação, ainda mais no contexto da pandemia onde a experiência social esteve restrita, no entanto, há um caráter organizador na literatura que também é essencial, especialmente num momento no qual a repetição se tornou quase absoluta, a literatura permite que se criem contornos, diferenciações, marcos que vão dando um novo tom à rotina, como os *meinhos* em que Júlia lia. Algo que nos diz também sobre a relação entre a literatura e o tempo.

## 7.2 Tempo

A relação entre tempo e literatura que aqui procuramos evidenciar é no sentido do tempo destinado à essa experiência, visto que, essa relação aparece já nas primeiras matérias lidas sobre o tema que apontam a diminuição do tempo gasto em deslocamentos como um fator explicativo para o aumento do consumo de livros durante a pandemia. Encontramos esse fator nas nossas entrevistas também, tanto Rosana quanto Júlia afirmaram ter mais tempo durante a pandemia. Diante disso surge a questão: a literatura exige um tempo só dela? Se a resposta for sim, precisamos nos questionar como equacionar essa exigência com a vida cotidiana, com outros tempos que a vida impõe? Caso contrário poderíamos incorrer numa ideia acrítica de que a pandemia foi um momento especial de reinvenção devido ao tempo disposto pelas condições

de trabalho remoto e isolamento social, que negaria a desigualdade no acesso a essas estratégias de enfrentamento.

Petit (2010) afirma que o espaço que a literatura promove “é governado por um tempo particular, feito de uma lentidão propícia ao devaneio” (p. 83) mas ela não entende que haja uma exigência de um tempo específico, há a oferta de um tempo particular. Ela critica inclusive essa imagem burguesa da leitura que é feita numa poltrona no quarto sob um abajur, o seu livro está recheado de histórias que se contrapõem a essa imagem, nos grupos de mediação em situações críticas as leituras quase sempre aconteciam de modo a se encaixar no cotidiano daquelas pessoas, nas praças, pontos de ônibus ou nos intervalos do trabalho. Há também outros textos possíveis, que fogem à norma do livro, ela aposta que qualquer leitura carrega um potencial transformador, e Rosana numa passagem muito bonita, nos conta de um momento em que depois de se mudar para uma cidade litorânea ficou sem emprego, sem dinheiro mas que encontrou poesia no mar.

*Eu só tinha o mar. O mar era meu quintal e eu sempre tirava um momento comigo caminhando no mar, sempre tinha um momento de poesia.*

Se olharmos com atenção para essa fala, vemos aparecer novamente o elemento “um momento só consigo mesma” que nos lembra a reflexão feita por Júlia sobre introspecção e leitura, e também outra fala de Rosana sobre a retomada das atividades presenciais:

*Tô até com saudades de ler [...] é muito ruim porque parece que eu perco espaços, meus espaços, porque a leitura é isso, aquele momento muito da gente.*

O que nos parece então é que não é um tempo cronológico que é exigido pela vivência literária, mas um contato consigo mesmo que a literatura dialeticamente exige e promove. O tempo da rotina pode favorecer a leitura nos moldes mais clássicos, próximos àquela imagem burguesa do livro-poltrona-abajur, mas apostamos na possibilidade de encontrar outros textos, histórias, causos, poesia na vida que nos permitam experimentar a mesma oferta de espaço que os livros oferecem.

### **7.3 Trocas**

Se, como acabamos de afirmar, a vivência literária exige certa introspecção, um contato consigo mesma, ela parece não se conter à uma experiência individual. Há o primeiro momento,

*o momento que te faz levantar os olhos* - a leitura silenciosa, à noite, no quarto, mas é uma experiência que ao ser compartilhada se potencializa. Tanto Rosana quanto Júlia nos falam da dimensão de troca que a literatura oferece, ambas têm um grupo de amigas com as quais constantemente, em especial durante a pandemia, debatiam as leituras que fizeram, tanto leituras compartilhadas, quando todas estavam lendo o mesmo livro, quanto as individuais onde cada uma contava sobre o que tinha lido. Esse tema é um exemplo daqueles que ultrapassaram o roteiro mas que tiveram um peso significativo nos relatos, ele apareceu de forma espontânea em ambas entrevistas e foi sendo aprofundado. Esses grupos eram mais do que um lugar de troca, eram também um espaço de acolhimento, de conforto e de segurança, essa dimensão fica bem evidente na fala de Júlia. Trocas essas que acontecem espontaneamente, porque como Rosana nos diz: *cada um cria uma história na sua cabeça* a partir do que está no livro, e é essa variedade que convoca à troca, que gera o desejo de compartilhar a sua história e a curiosidade de saber quais outras histórias surgiram para cada uma de suas amigas.

Porque a literatura abre um espaço e nutre a imaginação, dando material mas exigindo a implicação de cada um, por isso cada leitura se faz única, porque nasce da relação dos desejos do autor, da forma da obra e das vivências das leitoras, que são sempre singulares (VYGOSTKY, 1999). Esse caráter relacional nos mostra que essa nunca é uma atividade puramente individual, ainda que por vezes possa ser solitária. O livro em si compõe como uma rede na qual se é possível circular, caminhar, se movimentar.

os leitores se sentem vinculados aos outros - aos personagens, ao autor, aos que leram o livro, que lêem junto ou o farão um dia -, descobrindo que dividem as mesmas emoções, as mesmas confusões; (PETIT, 2010, p. 83).

Essa rede é composta de pessoas, vivências, sentidos e emoções. Ela dá sustentação para os movimentos, concretos ou imaginários, que cada um produz no seu encontro com a literatura, na rede é possível encontrar/produzir pontes que nos ajudam a fugir do plenamente individual e reconhecer nesses vínculos à segurança da qual nos fala Júlia, de que sempre estaremos acompanhados pelos livros.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inspirados pela escuta de relatos informais sobre os hábitos de leitura na pandemia e do contato com diversas matérias que indicavam o aumento desses hábitos e do consumo de livros no mesmo período iniciamos este trabalho com o objetivo de compreender os sentidos sobre a vivência literária que foram produzidos por mulheres, durante a pandemia. No encontro com a bibliografia sobre o tema, que abarcam tanto esse momento em específico quanto uma noção mais ampliada sobre o lugar da literatura diante de momentos de crise consideramos fazer uma aposta, a de que esses sentidos produzidos diriam sobre a potência da experiência literária como estratégia de enfrentamento aos sofrimentos impostos pela pandemia, especialmente às mulheres como um grupo historicamente oprimido, para quem a pandemia não inaugurou, mas agudizou uma série de violências.

No momento em que elaboramos o objetivo da pesquisa - compreender os sentidos produzidos por mulheres sobre a vivência literária na pandemia - não percebemos que neles estava implícito uma afirmação, a de que sentidos sobre essa atividade foram produzidos. De certa forma isso era também uma aposta que pela profundidade dessas experiências elas teriam articulado, pensamento, linguagem e emoção produzindo assim, novas vivências, novos sentidos. Isso não chega a ser mentira, mas o que vimos no contato com as participantes foi de que esses sentidos, não foram necessariamente novos, mas estão articulados e sustentados numa rede que vem sendo construída desde os primeiros contatos com a literatura e que fala sobre o papel desta na vida de cada uma. Foi essa rede que permitiu o retorno, o acolhimento e a segurança que Júlia encontra no hábito da leitura, e a ampliação, a liberdade, os novos horizontes que Rosana viveu nas histórias lidas. Elementos contraditórios e complementares de uma mesma experiência num mesmo momento, mas que vão vividos de forma singular por cada uma, porque a rede sentidos - à qual a vivência literária na pandemia se articula - de cada uma é única e irrepetível.

Ainda há outro fato que nos deparamos com certa surpresa, que a pesquisa, ou melhor, as entrevistas se mostraram como um momento fundamental de elaboração desses sentidos, foi um momento em que puderam olhar para si, olhar para essa experiência com tempo e cuidado, com certo distanciamento que exigiu um trabalho da memória no qual a articulação com esse rede foi sendo tecida. Nas entrevistas não coletamos sentidos que estavam prontos, fomos acompanhando de perto a produção desses sentidos, produção essa recheada de emoção e delicadeza.

Quando optamos por promover a escuta especificamente de mulheres, tínhamos em mente a agudização das violências de gênero promovida pela pandemia, essa é uma realidade crescente e aterrorizante, ainda assim não pode ser tomada como universal. As entrevistadas deste trabalho não relataram nenhuma violência ocorrida, mas nem por isso podemos supor que o fato de serem mulheres não foi determinante nas vivências literárias como Rosana deixa explícito que as violências sofridas por ela, no passado, determinaram o seu interesse em leituras que versam sobre a temática da violência de gênero, ou quando nos fala da falta de tempos para si, ocupada sempre nos cuidados para com os outros.

Ressaltamos que os temas e costuras aqui apresentados, devido tempo e ao escopo da pesquisa, deram conta de uma parcela singela da complexidade e riqueza que foram construídas nas entrevistas, nos deparamos com reflexões sobre desemprego, adolescência ou tecnologia que não aparecem diretamente neste trabalho mas que compõe de algum modo o campo de sentidos que a literatura evoca, pensando nisso anexamos a este trabalho a transcrição integral das entrevistas. Que fique como um material de consulta não só para a compreensão do contexto das falas aqui apresentadas mas, sobretudo, para inspirar novos encaminhamentos, novos olhares.

Por fim, pensando na crise permanente, que nos fala Boaventura (2020), sustentamos a urgência no convite a novas pesquisas que pensem sobre o papel da literatura (e da arte) diante das crises e apostem na potência dessa experiência como estratégia de enfrentamento e resistência.

## 9. REFERÊNCIAS

ABRASCO. Plano nacional de enfrentamento à pandemia da COVID-19. 2020. Disponível em: <https://frentepelavida.org.br/uploads/documentos/PEP-COVID-19-COMPLETO.pdf>.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 26, n. 2, p.222-245, 2006.

BONFIM, Eder Flávio Moura; SANTOS, Camila Cristina; BARBOSA, Maria Flávia Silveira. O papel da arte em tempos de pandemia: música e "indústria do isolamento". In: VASCONCELOS, Adailson Wagner Souza de (org.). **Linguística, Letras e Artes: sujeitos, histórias e ideologias**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021. p. 157-176. Disponível em: doi.10.22533/at.ed.2822128043. Acesso em: 30 nov. 2021.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BOSI, Ecléa. Sugestões para um jovem pesquisador. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, p. 59-67, 2003.

BRASIL. Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus - Notícia - **UNA-SUS**. 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em: 14 Maio 2021

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2011, 5º ed.

CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana Miggiolaro. Gênero, tempos de trabalho e pandemia: por uma política científica feminista. **Linha mestra**, n. 41a, p. 23-31, 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19. Boletim Online da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), 2020.

HUR, Domênico Uhng; SABUCEDO, José Manuel; ALZATE, Mónica. Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 21, n. 51, p. 550-569, ago. 2021. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2021000200018&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2021000200018&lng=pt&nrm=iso). acessos em 17 jun. 2022.

KRENAK, Ailton. **Cartografias para adiar o fim do mundo, com Ailton Krenak e Muniz Sodré**. Feira Internacional do Livro de Paraty (FLIP). 2021. Disponível em: [https://youtu.be/78ikR\\_oxtg](https://youtu.be/78ikR_oxtg). Acesso em 17 de junho de 2022.

LEITE, Dante Moreira. **Psicologia e literatura**. UNESP, 2002.

MEDEIROS, Melissa Soares et al. A Arte como Estratégia de Coping em Tempos de Pandemia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, 2020.

MELO, Maria Luiza. **Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon**. OUL Notícias, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>. Acessos em: 17 de junho de 2022.

MENEZES, Jaileila de Araújo et al. A contação de histórias no Instagram como tecnologia leve em tempos pesados de pandemia. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MOREIRA, Lisandra Espíndula et al. Mulheres em tempos de pandemia: um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. **Psicologia & Sociedade**, v. 32, 2020.

OLIVEIRA, Betty. A dialética do singular-particular-universal. **Método histórico-social na psicologia social**, p. 25-51, 2005.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Considerações Psicossociais e de Saúde Mental durante o Surto de COVID-19. Boletim Online da Organização Mundial da Saúde (OMS), Organização Pan Americana da Saúde (OPAS), 2020.

PAVANI, Fabiane Machado et al. Covid-19 e as repercussões na saúde mental: estudo de revisão narrativa de literatura. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, 2021.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo, Ed. 34, 2º ed, 2010.

PIVA, Carolina Brandão; MARTINS, Alice Fátima. Arte e Resistência em Tempos de Pandemia: a série de Quadrinhos Confinada, de Leandro Assis e Triscila Oliveira. **Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais-Art&Sensorium**, v. 7, n. 2, p. 250-276, 2020.

ROCHA, Daniel de Macêdo et al. Efeitos psicossociais do distanciamento social durante as infecções por coronavírus: revisão integrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 34, 2021.

ROCHA, Renan Vieira; BRAMBILLA, Beatriz Borges; BARROS, Brenda Dantas. Saúde Mental em Contextos de Pandemia e Isolamento Social: Tarefas para as Trabalhadoras e Trabalhadores da Saúde. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, v. 8, n. 3, p. 657-666, 2020.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Boitempo Editorial, 2020.

SANTOS, Rosemary Conceição dos; SANTOS, João Camilo dos; SILVA, José Aparecido da. Psicologia da literatura e psicologia na literatura. **Temas em psicologia**, v. 26, p. 767-794, 2018.

SCHMIDT, Beatriz et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 37, 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. 2012.

TOASSA, Gisele; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. As vivências: questões de tradução, sentidos e fontes epistemológicas no legado de Vigotski. **Psicologia USP**, v. 21, 2010.

VALENTE, Rubens. País teve 211 casos de censura e ataques à cultura em 3 anos, diz relatório. 17 Mar. 2022. **noticias.uol.com.br**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2022/03/17/cultura-censura-ataques-governo-bolsonaro.htm>. Acesso em: 17 Jun. 2022.

VIGOSTKI, Lev Semionovitch. **Psicologia da arte**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001

ZANELLO, Valeska. **Saúde Mental, Gênero e Dispositivos: Cultura e Processos de Subjetivação**. Brasília: Editora Appris, 2020

## 10. ANEXOS

### Anexo A – Roteiro de entrevistas

Roteiro de Entrevistas - 1a versão - setembro/2021

#### I - Identificação

- Qual seu nome? - Como gostaria de ser chamada?
- Idade?
- Raça/Cor com que se declara
- Identidade de gênero (masculino; feminino; neutro ou não binário/a)
- Orientação Sexual
- Escolaridade e/ou profissão
- Local de moradia - Território da moradia: como está?
- Atividade principal (trabalho e/ou estudo etc.)
- Cotidiano? Como seria um ‘dia típico’ seu? Há momentos de contato com a literatura?
- O que você tem lido?
  - Seus livros/autores preferidos e por quê?
- Qual sua relação com a literatura?
- Como foram os primeiros passos que você se lembra de aproximação?
- O que a literatura representa hoje pra você?
- Em relação à pandemia, houve uma mudança nos seus hábitos de leitura/escrita?
- E no sentido dessas atividades para você?

## Anexo B - Entrevistas

Rosana

---

Leonardo: Agora, entrando mais no cenário de literatura e pandemia. Quando eu planejei a entrevista, o roteiro, estávamos bem no ápice da pandemia. Agora, estamos no momento de relaxamento do isolamento social. Como tem sido seu cotidiano, em um dia típico, tentando resgatar como foi a pandemia?

Rosana: A minha vida mudou muito depois da pandemia. Eu comecei a dar aula, quando as aulas voltaram eu comecei a dar aula. As aulas voltaram em agosto de 2021. Até então eu nem era professora, estava só estudando. Eu tinha uma outra vida que eu tenho agora. O que mais pegava para mim na pandemia era a terapia que eu fazia. Tinha que ser online e era bem ruim porque acaba com o contato que a gente tinha em grupo. Eu acho que era a única coisa que eu fazia de fato saindo de casa, eu já ficava muito em casa. Fora o medo constante. Ainda mais por causa da minha mãe. Eu tinha muito medo de ficar doente, não saber e trazer a doença para ela. A coisa ruim foi a questão da terapia. Eu achei bem ruim isso do online.

Leonardo: Me chama atenção que você já estava vindo de um período de ficar em casa. Como era esse estar em casa.

Rosana: Em 2020, eu estava trabalhando na clínica. Eles me mandaram embora, então fiquei sem emprego por causa da pandemia. Então, fiquei em casa mesmo. *Não tinha emprego, então não tinha para onde ir. A única coisa que eu fazia saindo de casa era minha terapia.* Minha faculdade já era a distância. Minha rotina em casa era rotina de doméstica. Eu limpava a casa, conviver com as crianças, conviver com a mãe e fazer terapia online uma vez por semana.

Leonardo: Nessa rotina doméstica, tinha momentos de contato com a literatura?

Rosana: Nesse período eu ganhei o kindle que como eu te falei **era minha janela para o mundo**. Emocionalmente eu vivia um momento difícil que eu me via muito presa numa situação de quase não poder me expressar. Falta de liberdade. Às vezes eu queria ler mas eu não podia porque o marido estava ali do lado e não podia ler. Quando eu ganhei o Kindle, era uma novidade, tem aquela luz. Então, eu sentia que aquilo era uma janela para o mundo. Então, quando eu deitava, **era como se o mundo se abrisse**. Eu achei aquela experiência tão incrível porque como eu tava lendo, eu queria ver onde aquilo ia dar. O momento que eu tinha para ler era quando eu deitava. Durante o dia eu tinha coisas para fazer. Eu não acreditei que aquele negócio ia me permitir ler. A minha experiência literária naquele momento da pandemia foi incrível. Eu lia alguns livros ... A Paciente Silenciosa, Um Teto para Dois, que é fantástico ... É assim que acaba ... foi tudo nesse período. Acho que foram esses três. Devem ter outros, mas esses me marcaram mais. Então, eu acho que na verdade minha experiência literária nesse momento foi ... se fosse em uma palavra foi expressão. Sabe aquele momento que você pode sair, da onde você vive. Eu tinha aquilo como uma janela para o mundo. Quando eu estou lendo um livro, eu vivo muito aquela história. Por isso, ler um gênero é muito diferente de ler outro tipo de gênero porque eu sou aquilo naquele momento. Tanto que no

livro do Alasca tem uma hora que ela cai e quebra vários membros e é um sofrimento absurdo que ela descreve. Nossa eu vivi dores horríveis ali, porque era eu. Fora o sofrimento emocional da menina do livro. Então, eu vivo muito intensamente.

E eu lembro que isso é desde que eu era criança. Quando eu era criança, os poucos livros que tive oportunidade de ler eu também entrei muito na história. Eu sou a segunda filha de seis filhos. Eu tinha a obrigação ... a incumbência de ajudar a cuidar dos pequenos. Então eu não tinha tempo para mim. Eu tinha tempo de ajudar em casa e ir para escola. O primeiro livro que li foi A Vaca Voadora. Eu tinha que ler mas eu não tinha tempo. Eu lembro que tinha uns matos, canavial, do lado da nossa casa. Eu ia para o meio do mato ler. Eu tenho necessidade de silêncio e de concentração para ler. Eu me desconcentro muito fácil. Por isso que eu leio a noite.

Eu ia no meio do mato e lia esse livro A Vaca Voadora. No livro a vassoura tem vida. Era fantasioso, era a primeira vez que eu tinha contato com a fantasia. Depois disso, fui ler Machado de Assis, e eu era criança hein. Fui ler Dom Casmurro, eu fiquei abismada com Dom Casmurro. Eu não entendia que existia um autor e um personagem. Eu discutia com minha professora. Eu dizia que ele escreveu a história e ela me dizia que ele era o autor. Eu não lembro exatamente a série.

Eu também vivi aquela história da Capitu e do Bentinho. Muito incrível. Depois, eu lembro também que a Dri, lia um livro e eu lia o outro. E a noite, ela me contava o livro que ela tava lendo e eu contava o livro que eu estava lendo. Ela tava lendo O Seminarista. Era como uma leitura conjunta. Não era que eu tivesse tempo de ler, mesmo depois disso. Mas quando eu consigo ter essa experiência é muito libertador. É uma coisa que me tira da realidade, da dura realidade. Às vezes eu leio uma realidade mais dura ainda, mas é uma forma de abrir o universo. Quando eu li "A pérola que Rompeu a concha", esse livro é outro mundo. Aí você vê que vive em outro mundo pequeno. Quando você vê outra cultura, outro sofrimento, você se vê não sabendo nada que acontece lá fora. Aí eu saio de uma realidade dura e entro numa realidade mais dura ainda.

Leonardo: Tem muita essa ideia de que a literatura é um escape que gera prazer, e nesse sentido, quando você se depara com uma realidade mais dura.

Rosana: É muito mais reflexão do que prazer. É prazer talvez, no sentido de você ter aquele momento para você. É algo que vai te fazer refletir e sofrer, também. Eu sofri com alguns livros, sofri bastante. Como esse, eu li Meninos do Brasil. Ele conta exatamente a história da chacina no Rio. É um fato bem antigo. É um livro que minha mãe falava "para de ler", eu lia chorando porque era uma realidade que estava ali. Eu acho que é muito mais reflexão do que prazer.

Leonardo: Você me falou algo que me chamou muita atenção, que é essa questão da leitura coletiva. Principalmente, entre mulheres.

Rosana: é muito louco. É muito gostoso. É maravilhoso. A gente tem um grupinho que se chama Brigadeiro de panela. Surgiu por causa disso. A gente leu um livro em conjunto. Cada uma estava lendo seu livro. Depois a gente comentava. É assim que acaba. A Kátia direto recomenda. A Cris também. E eu também, gosto muito de recomendar livros, não consigo guardar isso para mim.

Eu amo contar, receber história. Eu gosto de história, e causo, Meu pai contava muito causo. Por isso, eu gosto da música caipira. Eu amo música caipira. Ela está cheia de causo. Se você for ler a letra, é um poema. Então eu gosto disso, eu sempre gostei. As coisas ficam na minha memória quando tem uma história, um causo. Eu sempre gostei disso e de compartilhar história também. Quando você acha um louco que adora fazer isso também é muito bom. Sabe o que é interessante, diferente de série ou de filme? É que cada um faz aquela história, aquele personagem. Por isso muita gente se frustra, e a gente também, quando vê um livro na tela. Porque a ideia que você criou não era aquela. Então quando você faz isso em conjunto, você discute a visão. A gente discute como a gente se apaixonou ou odiou cada personagem. A gente meio que analisa psicologicamente. E a Kátia faz o advogado do diabo. Eu acho fantástico.

To até com saudade de ler. Agora só estou lendo o técnico, para faculdade e escola. Não estou lendo por prazer. É um prazer você ter tempo de ler.

Leonardo: Como é essa falta de alguém que tinha tempo de ler e agora perde essa dimensão?

Rosana: É muito ruim porque parece que eu perco espaços meus espaços. Porque a leitura é isso, aquele momento muito da gente porque você que vai criar aquela história e viver ela. Faz muita falta.

Leonardo: Como que foi

Rosana: Era bem corrido e acabava ficando aquele momento. Quando eu estava lendo, quando estava flexibilizando a pandemia, eu até perdi o ponto esse dia. Eu estava lendo no ônibus. Eu perdi o ponto porque eu tava nas últimas páginas e eu estava desesperada para saber o que iria acontecer. Eu perdi o ponto. Eu já tava em outro momento, tanto meu quanto da pandemia. As coisas estavam começando a voltar e eu já estava voltando a trabalhar.

Eu acho que nesse sentido, a pandemia foi boa até. Eu acabei tendo mais tempo que eu e você não teria no seu dia. Agora eu não tenho, como eu tinha naquele momento de pandemia. Eu tinha aquilo dali, eu tinha que ficar ali. Nesse sentido eu acho que foi bom.

Leonardo: Você tem alguma experiência em sala de aula envolvendo a literatura?

Rosana: No começo do ano, como eu queria conhecê-los, eu fiz um trabalho sobre a linha do tempo. Eu comecei a fazer a minha para eles me conhecerem com os pontos mais marcantes. Eu pude conhecer pontos da vida deles muito sensível. Desde a primeira ralada no joelho, aprender a andar de bicicleta, conhecer o mar, até a perda da mãe. Eu tinha bastante órfãos. Eu tinha uma aluna que eu meio que me incomodava com ela. Eu ficava brava com ela. Com essa linha do tempo, eu fui ver a história dela. São 5 crianças todas órfãs, vivendo com o tio e com a tia. E isso explica muito sobre a criança e a pessoa. Eu achei esse trabalho muito incrível. Não é trabalho literário mas é muito rico de você conhecer.

Leonardo: Você já trabalhou com produção literária?

Rosana: Eu já. Eu trabalhava em uma editora. A gente tinha um espaço infantil dentro da revista. É uma revista mensal que abrange todo o Brasil Me pediram para eu escrever alguns contos infantis. Foram publicados 12. Foi uma experiência muito legal.

Leonardo: Então a gente pode dizer que você é uma escritora?

Rosana: Eu tenho quase vergonha de me definir assim. Eu escrevi. Doze contos publicados e para você conseguir publicar 12 você escreve muito para que esses sejam aprovados. Foi uma experiência muito bacana. Eu recebi uma carta do interior de Pernambuco de uma professora que usava os meus contos. Você não imagina onde aquele negócio vai, numa sala de aula ainda. Pena que eu não tenho mais eles. É muito legal. Eu escrevia contos infantis mesmo. Um público bem pequenininho.

Leonardo: Você experimentou a escrita em outros momentos?

Rosana: A ..., assim ... você fala de escrever mesmo? Eu tentei ... mas eu não considero.

Leonardo: Essa divisão você faz pela publicação?

Rosana: Os outros falavam mais de mim mesmo. E os contos não.

Leonardo: Você considera literatura só os contos?

Rosana: Acho que não, considero os outros também.

Leonardo: Você quer falar sobre:

Rosana: Acho que não.

Leonardo: Pensando nessa escrita literária, na pandemia, isso apareceu em algum momento?

Rosana: Apareceu sim. Sim. Teve um momento ... esse é um assunto bem delicado. Ele é bem relevante para o seu trabalho e como um todo. Isso é estatístico também. Na pandemia as mulheres foram ainda mais oprimidas pelos os homens, inclusive sexualmente. Eu acredito que foi na pandemia que eu pensei num texto sobre essa questão abusiva. Como a mulher estava mais trancada e o homem também, ele se sentiu no direito de ter a mulher a hora que ele quiser. Esse assunto é bem sensível, é real. Eu cheguei a ver alguma coisa sobre isso. Eu cheguei a produzir algum texto neste sentido. Não levei pra frente. É algo que eu até gostaria de me aprofundar. É um assunto que muito me interessa.

Leonardo: Queria entender sua visão sobre a produção literária, o que ela foi para você?

Rosana: Na literatura no sentido de produção, foi um escape. Talvez um espaço para você está ali gritando e que você não teria coragem de dizer ou expressar. Na literatura você pode fazer. Mesmo que ninguém leia, ninguém vai publicar, **mas é quase como um grito**. É um grito de *ó ta acontecendo isso*. Dentro de mim eu não aceito, mas como eu não consigo verbalizar para o outro que eu não aceito, pelo menos eu consigo escrever que eu não aceito.

Nesse sentido, no sentido de ler, de você tomar contato com essas histórias e outras pessoas que vivem esse sofrimento.

Leonardo: Um dos livros que você leu falam sobre relações abusiva, né?

Rosana: Sim, um sobre abuso psicológico. Esse foi um Teto para dois. Todos os abusos são ruins, mas esse é muito ruim, tem até agressão física. O outro não, é um abuso mais velado, mas tão ruim quanto, ele faz a pessoa achar que ela tá doida. Antes da pandemia, eu tinha lido a Pérola que rompeu a concha. É sobre as mulheres afegãs, 100 anos antes do 11 de setembro. E depois desse período. Conta toda a história dessas mulheres, são histórias horríveis. Tem momento no livro que eu não consegui ler. Eu só imagino. Eles estavam tão fortes. É como você tá vendo um filme e tem uma cena que você não quer assistir. Então eu li o começo e o final, já entendi o que aconteceu e eu não queria ler os detalhes. Tanto que a Kátia disse que eu ia sofrer. Aí tinha uma parte que a menina se suicidou. Aí eu liguei para ela, e ela disse que não era a parte ainda.

E no final a parte, ela tinha perdido o filho, ele esperou ela passar o luto e depois o marido espera passar o luto e culpa ela e depois dá uma surra nela. E ela vai pegar fisicamente pela morte do filho. Quer dizer, é tão absurdo. É tão monstruoso. Não deu nem para ler. Os abusos físicos e sexuais eu li todos. Quando chegou nesse eu achei uma monstruosidade tão grande que eu me recusei a ler esse relato. São daqueles livros que você não sai o mesmo não é a mesma pessoa de ler. Mesmo a terapia, algumas coisas que você dá conta não tem como voltar atrás, você pode até conviver a frente mas aquilo você já tá. É igual ao livro, ele muda você. Não o livro, a história.

Leonardo: Você acha que isso vem de um tempo-espaço restrito ou diria que é de um gosto pessoal seu?

Rosana: Eu acho que é assim, Leo. Não é que eu goste, eu tenho muito interesse em saber. Também por viver. Por ter vivido várias situações desde a infância. É um assunto que me chama atenção que eu tenho vontade de me aprofundar mas não por gostar, talvez gostar seja muito masoquista, mas eu tenho muito interesse. É um assunto muito difícil, porque sempre acaba tocando em algumas feridas que são do abuso psicológico quanto físico, mas eu acabo me envolvendo com esse tipo de literatura. Não sei por que ... mas acontece. Eu acho isso engraçado. Talvez se for outra literatura não me chame tanto atenção quanto essa.

Leonardo: Você teve contato com literaturas mais leves ultimamente?

Rosana: Eu acho que não, Leo. Eu fiz um trabalho da faculdade que envolvia filmes que eram mais leves. Mas livros, não.

Leonardo: Acho que a gente foi abordando já muitos pontos. Você mesmo trouxe essa questão de gênero, e principalmente na pandemia. E trouxe também sobre uma vivência de rede, de trocas com suas amigas então acho que você podia me contar de novo a história do Kindle. Você pode contar como essa história do kindle chegou até você?

Rosana: O kindle me ajudou muito a ler. A tornar as coisas mais acessíveis. Talvez um livro que você não teria muita condição de ler, você consegue por ele. A Kátia me deu de

aniversário. Eu amei, mas eu amei porque eu ganhei um presente. Alguém pensou em mim, mas a hora que eu tive a experiência de iluminar minha noite, aí foi outra coisa. Uma coisa é você ler o kindle durante o dia. Juntou duas sensações. Aquela sensação de falta de liberdade de estar ali naquele lugar naquela hora, quando você queria estar lendo e você perceber que poderia estar lendo. Então, realmente foi algo sensacional. Eu acho que eu poderia fazer uma propaganda para o Kindle.

Leonardo: Eu acho legal inclusive contar também que você leu de outras maneiras. Como foi essas outras maneiras de ler?

Rosana: Eu estava tão fissurada em querer saber de tudo que eu não queria parar de ler. E o único jeito de eu não parar de ler, era atrás do audiobook, então eu pegava o ônibus, fazia outras coisas ouvindo. É claro que eu sei que o ler ele impulsiona mais áreas do cérebro, mas como eu queria ouvir mais histórias, é como se eu não quisesse perder meu tempo.

Leonardo: Quais são seus livros e autores preferidos?

Rosana: Não chega a ser um autor preferido, hoje em dia eu nem leio tanto essa autora, mas eu tinha lido um livro da Joyce Meyer, que chama Beleza ao invés de cinza, que também é sobre abuso que é como ela conseguiu perdoar o abusador. Acaba sendo uma história linda porque é uma história de redenção. Por ter gostado dessa autora, eu acabei lendo outros livros dela. Eu amo o Ariano e Rubens Alves, parece que eu amo mais a pessoa do que ele. Não é que eu leio todos os livros, mas eu gosto muito da personalidade dele. Literatura portuguesa eu gosto muito da Sofia de Melo, foi a que eu mais li, os contos. O João tinha essa adoração por ela.

Leonardo: O que foi trabalhar em uma editora?

Rosana: O Antonio que trabalhava na editora, um gerente, uma vez falou que quando eu entrei na editora eu era tão matuta. Parece uma ofensa, mas não é. Eu acho que ele usou a palavra certinha pra mim. Eu era matuta mesmo, Leo. Eu trabalhei quase 20 anos na editora. Eu trabalhei 20 anos na editora. Foi um período complicado. Também tem a história de pedofilia, só que eu não sabia do que se tratava. Eu estava dentro de um assunto que eu não sabia o que era. Foi através da própria revista, o que a revista publicava do próprio conteúdo que eu acabei me aprofundando. Eu também comecei a ler vários livros da editora, o primeiro livro que li foi os Meninos do Brasil. Quando eu subi para trabalhar no editorial, o João começou a me apresentar, como poemas. Cecília Meireles, a Sofia de Melo, e eles traziam esses livros para eu ler. Ele queria que eu lesse este livros para ele. Foi aí que eu comecei a conhecer esse tipo de literatura, que eram contos e poemas. Tinha outro autor que é muito famoso, não tô lembrando. Eu nem sabia desse gênero literário, o que era um conto ou crônica. Eu não sabia. Eu trabalhava na editora, mas era em outra área, trabalhava com direitos autorais. Aí ele me disse que eu escrevia contos sem saber. O João tem essa virtude, ele consegue ver o melhor das pessoas antes mesmo delas serem. Identificar qualidades e talentos. Eu tenho tantos erros ortográficos, eu tô trabalhando isso com meus alunos. Eu fiquei pensando “como ele acha que eu escrevo bem” e ele achava que sim. Se ele achava que sim ... [risada].

Rosana: Eu sempre estava escrevendo algo, mas era diferente naquele momento. Eu criei um pseudônimo que se chamava Ana Sofia. A Ana Sofia era eu mesma. Eu não sabia definir

gênero, eu errava muito em ortografia. Era uma experiência muito emocional do que qualquer outra coisa. Na verdade essa minha tentativa de ser professora, eu aprendo mais com eles. Eu dei aula de agosto até dezembro, eu tive uma experiência com eles que na faculdade eu não tive. É o ensinar que me ensina. Isso é muito legal. Na verdade é uma tentativa de ser professora.

Essa coisa do conto era muito incrível. Quando o João disse que eu escrevia conto, eu fiquei tão maravilhada. Tipo assim “o que é um conto?”. Aí ele me mandou fazer um curso em Higienópolis só com gente rica, rica no sentido não só financeiro, mas no linguajar, na cultura. Primeiro que era o lugar, Higienópolis, aí o povo ia falando umas coisas que eu não entendia o que eles estavam falando. Era uma jornalista muito famosa que dava o curso. E aí, eu escrevia no canto do caderno, letra minúscula, pra ninguém ver, quais eram as minhas dúvidas. E aí, eu chegava na escola e ia procurar o que eles estavam falando, eu sequer sabia o que era. E o curso era de produção literária. Eles produziam umas coisas que eu ficava babando. Eu fico imaginando o que o povo ficava imaginando sobre o que eu escrevia. Eu cheguei a ler. Teve um que eu li que a gente descrevia a própria casa. O meu era primária, diante daquelas pessoas, era muito primário, mais que primário. Eu tinha vergonha de que eles pudessem ver minha produção. Eu morria de vergonha de abrir a boca, medo de falar alguma coisa errada. Eu gostava de estar ali, mas eu me sentia totalmente ... sei lá ... *o que eu estou fazendo aqui*. E era realmente um curso para quem não tem para fazer na vida, um curso às 11h30 da manhã em Higienópolis, só as madames.

Teve um moço que escreveu um conto que você acreditava do início ao fim que você acreditava que ele estava escrevendo sobre um amante que entrava na casa de uma moça. No final, você entendia que era um gato. Eu achei incrível aquilo.

Rosana: Eu entrei como recepcionista. Depois, maior parte em direitos autorais e secretaria. Escrevi contos. Depois, eu trabalhava com a agenda, desde compra de papel e contratação de gráfica e todo o corpo de fornecedores e trabalhadores, como revisão, tradução. Tudo isso eu fazia. No final, eu fazia a revisão técnica. É a revisão que você vê se tá tudo certinho. Número de página, sumário, se os calendários estão todos corretos. Você olha todos os detalhes. Toda revisão é feita em duas etapas, e tem outros revisores. Porque nosso olho fica viciado e você não percebe algumas coisas. Eu tinha essa revisão técnica e tinha outra. Eu gostava muito de fazer isso, aliás todo o trabalho eu gostava. Eu saí de lá fazendo isso. E um livro que eu trabalhei junto foi sobre psicologia, era um livro muito técnico. Foi o último. Foi uma experiência riquíssima, toda a infância da Amanda foi ali. Todos os grandes eventos da minha vida foram ali.

Leonardo: Para fechar, o que você diria que a literatura representa hoje para você?

Rosana: Além de ser uma ferramenta de trabalho, continuo dizendo liberdade, expressão, escape e riqueza. Riqueza no sentido de vocabulário, se transportar para outra cultura que talvez você não tivesse oportunidade de conhecer.

Leonardo: Quem é a Rosana?

Rosana: Hoje, a Rosana é ...

Leonardo: Como a Rosana se apresenta?

Rosana: **Eu nem diria professora, eu diria, tentando ser, sou muito mais aprendiz. Mãe, vó e tia. Parceira, companheira das minhas amigas. Nem otimista, nem pessimista, mas com uma grande vontade de fazer a diferença nessa área da mulher, de atuar. Não ficar imparcial. Não ficar alheia. Ser atuante na sociedade.** Essa é Rosana hoje. 20 anos de editora, saí de lá, tive 3 anos sabático. Não foi sabático, foi desempregada mesmo. Foram anos bem difíceis mesmo. Eu passo em frente ao banco de emprego e me lembro de sair de lá algumas vezes chorando. Ser alguém que sempre tem emprego, de repente se vê sem nada para fazer. Nada nem braçal e nem intelectual. Nossa, um vazio. Depois que eu voltei fui fazer faxina. Ai trabalhando com faxina, fui ser recepcionista na clínica. Depois, fui trabalhar na loja. Depois, fui trabalhar sendo professora.

Leonardo: Nesses anos no litoral, a literatura surgiu nesse momento?

Rosana: Não. Eu fiquei muito fora de tudo, do campo profissional, do campo intelectual. Foram dois anos muito suspensos. Sem literatura, sem poesia, sem dinheiro e sem emprego. Eu só tinha o mar. O mar era o meu quintal e era mesmo. Eu sempre tive um momento comigo caminhando no mar, sempre tinha um momento de poesia. Partindo do princípio que tudo é texto, então tinha muita poesia.

Leonardo: Quer trazer mais algum comentário?

Rosana: Teve a experiência de fazer parte de um grupo de leitura com o João que foi bem legal. Foi a primeira vez que eu participei de verdade de um grupo de leitura com muitos jovens. Muito lindo ver eles falando de um mesmo livro que eu estava lendo que era “Pacientes Silenciosa]”. Foi uma experiência muito bonita, ver todos aqueles jovens falando sobre literatura. Primeiro eu fiquei muito surpresa, de ver jovens, tão jovens, interessados em ler um livro. Depois, a empolgação nossa em contar como era esse livro. História louca e maravilhosa também. Eu sou muito mais velha que ela, eu tenho 48, eles têm entre 14 e 17. É outra visão. Eles também estavam em outros lugares do Brasil. Me lembro de uma menina nordestina, que estava emocionada de estar participando de um grupo que ela só tinha ouvido falar e não sabia que existia de verdade. Não era só um grupo de livro, era algo fora do comum.

Leonardo: Como foi resgatar essas memórias?

Rosana: Agora? Foi emocionante. Você acaba trazendo um monte de pessoas importantes para nossa vida. A própria infância. Na verdade, eu mesma. Você acaba se olhando. Eu era assim, eu sentia isso, isso aqui foi assim pra mim. É uma auto reflexão, é uma entrevista, mas na verdade a gente tá se olhando. É emocionante e rico. Quase que eu tivesse contando de alguém e se vendo também. Eu acho uma experiência muito linda e rica.

Leonardo: Você tem o direito de ter um pseudônimo, assim como o direito de ser citada.

Rosana: Pode por o meu nome mesmo. Talvez se fosse atrás eu não colocaria, mas acho que eu to num momento de querer assumir aquilo que eu penso. Eu tenho essa dificuldade, então é bom eu trabalhar isso em mim. Assumir aquilo que eu penso e sinto.

Julia

**Leonardo:** Você pode começar me contando da sua história e os primeiros contatos com a literatura?

**Julia\*:** Eu comecei a ler mesmo com uns 12 anos. Antes, eu pegava um livrinho ou outro mas eu não me considerava uma leitora. O primeiro livro que eu gostei de ler foi “As vantagens de ser invisível”. Eu lia várias vezes. Gostava de livros adolescentes, então era *John Green*, *As Sagas de Percy Jackson*, *Jogos Vorazes*.

Nessa fase dos 12 aos 14 anos, eu consegui ter uma leitura mais intensa porque eu não tinha tanta coisa para fazer na vida. Eu gostava de ler bastante. Adorava comprar livros. Eu ainda gosto. Eu gostava muito de ler. Eu estava em um grupo de amigas que todas gostavam de ler. A gente tinha muita troca nesse sentido. A gente lia os mesmos livros, conversava sobre eles. Quando não lia, a gente contava uma para outra o que a gente tinha lido.

Eu gostava principalmente de ler esses livros de sagas e mitologias.

Eu me sentia apegada aos personagens. Eu sentia que eles estavam juntos comigo e passando esses momentos comigo e eu os acompanhando. Eu lembro que quando acabei *Jogos Vorazes* e eu chorei muito “*meu deus ... eu não vou mais ter ... meus amigos [chorando]*”. Essa parte foi a mais tensa enquanto leitora.

No ensino médio, eu ainda tinha o costume de ler, mas foi ficando mais difícil. Nas férias, eu lia mais, mas durante o semestre letivo eu não conseguia ler tanto porque tinham coisas para estudar e outras coisas para fazer. Era bem no período das férias que eu conseguia ler um pouco mais.

Quando eu fui para a faculdade, nas férias, eu estava conseguindo ler e eu lembro que eu levava o livro para a faculdade. Depois de uma semana, eu lembrei que ele estava na mala. Ele estava até um pouco amassado por estar no fundo da mochila. Estava sem tempo para ler no primeiro ano da faculdade. Eu estava tendo muito texto da faculdade para ler. Eu acabei me afastando um pouco da literatura, ainda gostava mas não estava consumindo do jeito que eu consumia antes.

Aí veio a pandemia.

No primeiro ano da pandemia, em 2020, eu não lembro de ler tanto. Eu acho que eu cheguei a ler um pouquinho aqui e ali, mas ainda não tinha conseguido retomar o hábito.

Em 2021, eu retomei muito mais. O motivo que me inspirou a fazer isso é que no início do ano eu fiquei um pouco doente. Eu estava deitada na cama e queria só assistir uma série e ficar descansando. Eu comecei a assistir *Gilmore Girls*. Essa era uma série que eu vi quando tinha 15 anos. Eu gosto dela. Eu acho uma série aconchegante. Eu voltei a assistir. As duas personagens principais, principalmente a Lauren, gostam muito de ler. Ela sempre está falando de livros e lendo livros. Lembrei que tinha a lista de livros da Lauren. Existe um desafio de ler uma lista que tem 100 e poucos livros. Peguei essa lista para ver quantos livros daqueles eu já tinha lido e quais estavam faltando.

E vendo aqueles livros, eu fiquei com muita vontade de ler de novo. Lembrei desse costume que eu tinha quando estava em casa. Fiquei com vontade de retomar. Eu comecei a pegar os livros dessa lista e outros livros que fazia tempo que eu queria ler. Eu queria muito retomar meus hábitos de leitura. Eu coloquei na minha cabeça que nem que fosse um pouquinho, eu queria ler todos os dias para não perder isso e passar meses sem ler nada. Eu fui retomando. Eu peguei alguns clássicos que eu já tinha vontade de ler, tipo Dom Casmurro e outros mais tranquilinhos só para passar o tempo.

Em 2021, eu li bastante. Agora em 2022, eu estava lendo bastante mas os compromissos estão voltando e agora está sendo mais difícil.

**Leonardo:** Como era sua rotina antes da pandemia? E onde a literatura entrava nesse meio?

**00:10:33 - Julia\*:** Eu fiquei basicamente em casa durante a pandemia. Estudando. Essa era a minha função oficial. Era estudar e tudo mais era relacionado à faculdade.

Eu acordava, tomava café da manhã e ia para aula online. Eu sinto que durante a pandemia eu vivia muito pela faculdade e pensando que a leitura era um jeito de não estar ali só para a faculdade. Eu acho que 2020 é meio que só isso. Acordar. Ver a aula. Ler texto para aula. Ver a aula. Ficava muito só nisso. Assim, de obrigação fora da escola, algumas coisas domésticas. Eu não me senti sobrecarregada. Eu morava com minha família e a gente dividia as funções. Acabou não sendo uma coisa muito pesada para mim. Em 2020, quando eu não estava lendo tanto. Era desse jeito.

Em 2021, eu voltei a ler com mais força. Acho que a leitura se encaixava principalmente nos *meinhos*. Se era um livro que eu estava muito envolvida, qualquer 5 minutinhos que eu tivesse entre uma aula e outra eu já pegava e lia o tanto que dava naquele momento. Mas se fosse uma leitura mais densa, que eu não conseguiria ler em 5 minutinhos, eu costumava ler mais no final do dia, quando já tinha terminado as coisas que eu tinha para fazer ou quando eu tinha pausas maiores, normalmente na hora do almoço. No almoço eu tinha umas duas horas de pausa. Eu almoçava e eu geralmente preenchia com uma leitura ou alguma série.

00:13:00 – Leonardo: Achei muito interessante saber sobre o seu grupo de amigas que faziam leitura, pode falar mais um pouco?

00:13:20 – Então, eu acho que esse grupo de amigas do ensino fundamental até hoje. Inclusive, uma das pessoas que mora comigo hoje é desse grupo. É uma amizade muito forte que continua até hoje. Eu acho que muitas das coisas que mantinham essa amizade eram nossos gostos em comuns. Eram bandas que a gente gostava, tipo One Direction, e também a leitura.

A gente tinha um grupinho que a gente lia muito. Eu acho que dava um pouco a sensação de pertencimento. Estava todo mundo ali falando sobre as mesmas coisas. Era muito legal poder dividir o que a gente estava lendo, poder não só ler mas contar para as pessoas que a gente estava lendo. Entender o que ela achava daquilo e contar o que você estava achando. Fazer recomendações de livros, uma para as outras. Isso era bem gostoso, essa troca que a gente tinha.

**00:14:40** – Você percebe essa dinâmica em outros lugares ou em outros contextos? Até mesmo com ela, já que vocês moram juntas.

**00:14:54** – Eu acho que assim como eu, ela também passou por momentos de “mais ou menos” leitura. Mas duas delas estão fazendo letras hoje, então todas tiveram esse atravessamento da leitura, umas menos com intensidade que outras. Durante os anos, com menos intensidade, mas continuava trocando sobre os livros. Durante a pandemia, quando eu fiquei muito leitora, eu comecei a seguir um monte de twitter que divulgava cupons de livros. A gente ficava mandando uma para a outra “Olha tá com esse desconto muito bom ... corre lá”. Uma troca com uma dessas amigas. Ela gosta de escrever bastante. Até hoje, as vezes a gente não se fala há um tempo, ela me manda algum poema e me pede para ler. Às vezes, ela me manda e eu comento. Aí a gente fica conversando em cima do que ela estava escrevendo.

Pensando em outros grupos, durante o ensino médio, eu também tive contato com algumas pessoas que liam bastante, mas como eu não tava no momento tão de leitura, então eu não tinha uma troca tão intensa com elas sobre isso. Eu sabia que tinha uns livros que elas tinham lido que eu gostava. Tinha uma menina que tinha emprestado todos os meus livros de Percy Jackson para ela.

Atualmente, eu também tenho amigas da faculdade. Eu acho que durante a pandemia, elas recuperaram o hábito de ler. Uma delas até me contava o que estavam lendo. Tinha uma que nunca tinha lido e ela me contava vários áudios. Sempre que acontecia algo bombástico, ela me mandava áudios e eu ia lendo por tabela.

Tinha uma amiga que ela falou que perguntou que livros nós tínhamos vontade de ler e no nosso aniversário, ela dava o livro com anotações delas.

Lembrei que durante a pandemia, eu e minha amiga, da época do ensino fundamental, a gente combinou de cada um ler um livro e ir fazendo anotações pra gente saber o que cada uma estava pensando.

**00:19:41** – Eu achei muito legal esse processo coletivo que você viveu e foi vendo outras pessoas viverem. De onde você acha que vem esse retorno a leitura, essa retomar leituras, tanto antigas quanto novas? O que foi motivando isso?

**00:19:59** – Isso de retomar leituras antigas, ou esse hábito de leitura com trocas com pessoas antigas, tem um pouco de reviver coisas de um outro momento. Acho que na pandemia essa vontade ficava ainda maior porque não estava acontecendo nada. Ficávamos lembrando das coisas que costumavam acontecer e das pessoas que você costumava a conviver. **Acho que ler os livros me ajuda a te transportar de volta para isso e fazer troca com pessoas, mais ainda. Me transportar de volta para aquele momento que me lembra muito carinho.** Nossas maiores preocupações eram os livros que a gente ia ler ou as notícias do One Direction. E a gente surtava uma com as outras com as coisas que a gente estava fazendo. Acho que retomar a leitura me dá um gostinho daquilo.

Acho que tem uma questão mais introspectiva. Acho que quando eu fico mais introspectiva eu tendo a ler mais. Durante a pandemia, eu me voltei muito mais para mim mesma e a leitura participou desse processo de alguma forma porque acaba sendo uma atividade mais solitária.

Quando a gente está lendo e você com você mesmo. Acho que a leitura também era uma forma de introspecção ir acontecendo. Acho que o fato de estar em casa favoreceu para o hábito da leitura voltar já que eram espaços que eu costumava a ler.

**00:22:06** – Você falou bastante de coisas que você leu. Fiquei curioso para saber o que você leu durante a pandemia, o que você mais gostou?

**00:22:37** – Eu estava com muita vontade de ler alguns livros mais clássicos, que eu sempre tive vontade de ler mas nunca tinha tido o tempo que eu achava necessário. Estando em casa, eu tinha mais tempo já que eu não precisava me transportar para nenhum lugar. Eu acho que comecei por Dom Casmurro. Eu não vou lembrar de todos. Eu li também A Casa dos Espíritos. Comprei um box, lindo de capa dura. Eu fui ler na hora que eu comprei. Eu também li Guimarães Rosa, o Grande Sertão Veredas. Esse foi um desafio para ler. Eu sabia que era um livro difícil, inclusive eu não sei de onde veio esse livro. Eu mostrei pra minha mãe achando que era dela e ela disse que achava que era meu. Eu decidi ler ele. Eu lembro de ouvir que era um livro difícil, mas eu nem sabia exatamente. Quando comecei a ler percebi que não tinha divisão de capítulos, era só um negócio corrido. Esse, de todos os livros que eu li, foi o mais desafiador para conseguir engrenar na leitura. Foi o mais difícil. Eu me forçava a ler mesmo sem entender o que estava acontecendo. No fim eu acabei gostando muito do livro. Eu tenho muita vontade de reler. Acho que agora entendo o geral da história, se eu voltar a ler muita coisa vai fazer sentido. Da primeira vez que eu li, tinha que fazer muito esforço para entender. Outra vez, vi um artista cantando o texto, fiquei com muita vontade de ouvir dessa forma esse texto.

Acho que dos clássicos são esses que eu lembro mais. Eu também comecei a ouvir audiobook. Eu ouvi Orgulho e Preconceito, na linha dos clássicos que eu achei no Youtube. Eu queria ter mais costume de escutar mas acabei não pegando tanto. O resto foi lendo mesmo. Além desses clássicos tinha uns mais tranquilinhos que eu fui pegando quando eu estava mais cansada. Esses eram que eu pegava as *pausinhas* para ler que eu não precisava de muito esforço. Tive um que foi o mais *clichêzinho* que chamava a pequena livraria dos sonhos. Estava de graça no Kindle. Comecei a explorar o Kindle e baixar tudo de graça que eu achava. Foi gostosinho de ler. É que são livros que não necessariamente são bons mas são gostosinhos.

Eu li também um livro *Daisy Jones and the Six* que traz esse mundo das bandas. Eu gostei bastante. Igual eu falei, isso remete muito a minha adolescência. Eu acompanhava muito as bandas e queria muito saber o que estava acontecendo no mundo pop. Teve uma coisa bem legal, uma amiga de uma amiga que faz letras, ela é escritora e começou a publicar livros. Assim que ela lançava eu já comprava. Foi muito legal poder ler um livro de alguém que eu conhecia, já havia conversado e que ela escreveu. Teve também essa experiência de ler um livro de alguém que eu já conhecia.

**00:28:00** – **Leonardo:** Logo que eu entrei na faculdade, eu peguei o livro na biblioteca. Realmente é um livro que demora para entender, eu fui em uma festa com uma amiga que também faz letras. Eu deixei minha bolsa em um canto e quando eu voltei não tinha mais bolsa. E o mais louco, eu encontrei vários caderninhos que eu usava naquele momento. E tudo isso foi encontrado, e devolvido mas faltou o livro e um caderno.

**00:29:00** – Leonardo: Você comentou de uma amiga que escreve e agora essa amiga da amiga que é escritora, fiquei curioso para saber se você escreve alguma coisa?

**00:29:40** – Eu nunca escrevi assim. Eu lembro que teve uma época que eu tentei escrever uma fanfic e eu só escrevi um capítulo e eu acabei desistindo. Eu lembro de tentar ter o hábito de escrever um diário.

Durante a pandemia, uma professora minha da faculdade na avaliação, pediu para a gente fazer alguma produção artística e analisar essa produção. Na faculdade, ia ter um espaço online para simular o corredor da faculdade que encontrávamos. Era um lugar em que estávamos sentindo muita falta na pandemia. Isso ficava em um site, e você poderia ir andando – clicando, né? – E a professora nos deu essa alternativa de avaliação. Eu escrevi uma crônica que se passava na pandemia. Eu chamei de A Invasão Irlandesa. Foi na época que a Irlanda estava ótima na pandemia e o resto do mundo não. E eu escrevi sobre aquilo e saiu um texto que eu gostei bastante. Fiz uma análise dele para a professora. Acabou sendo uma atividade avaliativa que significou muito porque eu me propus a escrever e mostrar para as pessoas. Inclusive, eu mandei para aquela amiga que me mandava uns textos e ela me deu umas sugestões, foi dando umas dicas, falando o que ela gostava, o que ela tinha achado confuso. A gente foi trabalhando sobre o texto juntas. Eu mandei para alguns outros amigos. Teve um evento online e eu li para as pessoas que estavam lá. Li o texto e foi bem legal. Foi isso mais pontual. Teve um outro dia durante a pandemia, mas foram coisas bem pontuais. Foi legal escrever e mostrar para as pessoas.

**00:33:05** – Acho que a gente foi contemplando de certa forma, queria fazer uma pergunta, o que a literatura representa hoje para você?

**00:33:27** – Vou tentar ser mais objetiva. Eu acho que dependendo do momento que eu estivesse da minha vida eu responderia de formas diferente. **Eu acho que não dá pra ter uma resposta fixa.** Ultimamente tem sido um espaço de contato comigo mesma que sou mais introspecção. E de muita descoberta e entrar em contato com os outros. **Está nesse espaço de entrar em contato comigo e com os outros.** Tem toda essa questão de compartilhar com as pessoas que leem e que não leem. E também de certa forma, alguma companhia. Então de alguma forma essas histórias, esses personagens estão ali de alguma forma. Pensando sobre o contato com os outros, existem celebridades e artistas que eu gosto e saber o que eles estão lendo e o que elas estão achando. Fica bem nesse espaço de contato comigo, com os outros e companhia.

**00:35:05** – **Leonardo:** Me chamou atenção esse lugar de companhia e quando você fala dessa relação quase que íntima com as personagens mas também com essa relação da pandemia de um espaço restrito. Você estava em casa, estava com a família?

**00:35:40** – **Julia\*:** Durante a pandemia eu estava com minha família e a gente tem uma relação muito boa, são pessoas que eu gosto da companhia, mas cada uma tinha suas obrigações então não dava pra ficar muito tempo com as pessoas. Tinha isso dos personagens que eu achava bem legal e queria ficar mais tempo com eles. Acho que tinham personagens diferentes para momentos diferentes. Lembrei de uma série de livros que inspirou a série “Anne With An E” e eu assisti essa série e logo fui atrás dos livros. Eu lembro de alguns momentos que eu tava nesse campo de mais sozinha e eu falo queria muito um

livro para me dar essa companhia tinha um livro que eu tinha vontade de ler que me dava essa vontade de ler. Então, serviu para esse tipo de coisa.

**00:37:24 – Leonardo:** Você lia bastante fanfic na adolescência?

**Julia:** Eu lia mas tinha uma fase que eu lia bem de vez em quando. Eu cheguei a ler algumas. Uma que mais me marcou foi a interativa. Aquela coisa da companhia entra porque você colocava seu nome para ser a personagem. Eu coloquei o meu nome, das minhas amigas e One Direction. Eu lembro de ler essa que “você” estava na história. Eu li algumas, não foram muitas. Essa foi a que mais me marcou. Algumas amigas começaram a escrever, mas depois abandonaram. Então, amigas tentaram produzir as suas próprias.

**Leonardo:** O que você acha que fica dessa relação com a leitura pós-pandemia?

**Julia:** Eu sinto um pouco que os livros estarão lá para quando eu precisar. Eu sinto que agora tem várias coisas acontecendo na minha vida. Coisas super legais. Mas eu sei que quando eu precisar deles, eles estarão aqui. Eu não tenho uma resposta pronta, mas eles estarão aqui quando forem necessários.

**Leonardo:** Para quando eu for produzir o registro, acho legal perguntar quem é a Julia\*? Pode me contar rapidinho. Como você se apresentaria?

**00:42:00 – A Ju\*** é uma pessoa ... não sei ... Eu acho que começa a entrar muito nesse momento introspectivo meu. Nesse momento, **eu estou no momento de tentar descobrir, coisas que eu gosto, coisas que eu não gosto.** Eu acho que ... falei bastante sobre as companhias ... eu tenho um carinho muito grande pelas pessoas que estão comigo, família e amigos. **Eu gosto de estar com elas, mesmo sentindo necessidade de estar um tempo sozinha.** Tinha dias que eu estava muito atarefada, fazendo muita coisa com muitas pessoas, e eu sentia muita vontade de ficar sozinha e sem precisar falar com ninguém. Acho que é um pouco disso, ficar muito fechada e ao mesmo tempo gostar muito de companhia. Se eu estiver falando demais, você me avisa. Principalmente, quando eu era menor, por ser mais tímida, estou no momento de entender meus lados mais extrovertidos e introvertidos. **Eu tenho bastante essa polaridade, entre esse eu e o outro.** Eu estou cada vez mais valorizando esse momento com outras pessoas. Nessa pandemia, por ter ficado longe das pessoas por tanto tempo, me faz querer aproveitar as companhias.